

E_xpediente

Copyright © by Editora In House, 2023

Elaboração da ficha catalográfica Editoração e acabamento
Gildenir Carolino Santos Editora In House
(Bibliotecário)

Revisão gramatical
Pérsio L. Marconi
Rosalie Gallo Y Sanches

Imagens e fotos
www.freepik.com
Acervos históricos

Catálogo na Publicação (CIP) elaborada por
Gildenir Carolino Santos – CRB-8ª/5447

Kapiiuara [recurso eletrônico]. – v.4, n.6 (2020-). – São José do Rio Preto: Academia Rio-pretense de Letras e Cultura (ARLEC), 2020-1 recurso digital : il.

Periodicidade semestral.
Disponível apenas online.

1. Contos brasileiros – Periódicos. 2. Prosa brasileira – Periódicos.
3. Cultura – Periódicos. 4. Literatura brasileira – Periódicos.
- I. Academia Rio-pretense de Letras e Cultura.

P20-010

CDD – B869.05

Publicação semestral
on-line da

**ARLEC -
Academia Rio-pretense
de Letras e Cultura**

Fundada em 31/07/2008

Endereço:

Av. Anísio Haddad, 6751

Jd. Francisco Fernandes

CEP 15.090-305

São José do Rio Preto/SP

CNPJ (MF). nº 10.671.587/0001-14

E-mail: arlecriopreto@gmail.com

Site: www.arlec.com.br

Siga-nos nas redes sociais.

Jornalista responsável: **Cecília Demian - MTB 39.119**

Projeto gráfico: **Márcio Martelli**

Edição: **Editora In House 11 99903-7599**



“Verba Volant, Scripta Manent”
(As palavras voam, mas
permanecem quando escritas)

Presidente

João Roberto Saes

1º. Vice-Presidente

Eudes Quintino de Oliveira Junior

2º. Vice-Presidente

Alberto Gabriel Bianchi

1º. Secretário

Pérsio Luís Marconi

2ª. Secretária

Elma Eneida Bassan Mendes

1ª. Tesoureira

Loreni Fernandes Gutierrez

2º. Tesoureiro

Antonio Florido

Diretora Cultural

Rosalie Gallo y Sanches

Diretora de Patrimônio

Patrícia Reis Buzzini

Diretor de Relações Públicas

Waldner J. Lui

Conselho Fiscal:

Norma Villar

Jocelino Soares

Vera Márcia P. Milanese

Conselho Editorial:

Eudes Quintino de Oliveira Junior

Pérsio L. Marconi

Rosalie Gallo y Sanches



Sumário

EDITORIAL

MÁRCIO MARTELLI 4

ACADEMIA CONVIDA PARA PROSA

HERBERT PAES DE BARROS MERCER

Apresentação de Herbert

Paes de Barros Mercer 5

Rhett 6

Primos 8

ACADEMIA CONVIDA PARA POESIA

CIDINHA DONAIRE MELLO E OLIVEIRA

A poesia encanta 10

A vida 11

Fim de ano 11

ACADEMIA CONVIDA PARA ARTE

DARWIN LONGO DE OLIVEIRA

Um outro Darwin famoso 12

HOMENAGEM - ANGELO SOARES NETO

Jayme Signorini 15

HOMENAGEM - CLEBER JUNIO FALQUETE

De Poeta para Poeta e Vice-Verso 16

O Semeador 19

Semeador 19

JOSÉ LUIZ BALTHAZAR JACOB

O problema das frases prontas 20

LORENI FERNANDES GUTIERREZ

Contos aterrorizantes

da década de sessenta 22

PÉRSIO L. MARCONI

Rigor Mortis 24

EUDES QUINTINO DE OLIVEIRA JUNIOR

O botão 26

JOCELINO SOARES

A poeira da minha rua 28

TOUFIC ANBAR NETO

O cantor sem voz 30





CLEBER JUNIO FALQUETE	
Cacos do caos.....	32
ELMA ENEIDA BASSAN MENDES	
Pai, começa o começo!	35
ROSALIE GALLO Y SANCHES	
Como aprendi a escrever	36
PATRÍCIA REIS BUZZINI	
Julian Tuwim: um poeta judeu no Brasil	39
Flores polonesas (fragmento)	41
ISABEL PIMENTA HERNANDES	
As lições de Renato Locchi	43
WILSON DAHER	
Tríade da evolução da cirurgia.....	45
LELÉ ARANTES	
Velhos jornalistas.....	47
PESQUISA	
O que você está lendo?.....	49
ALBERTO GABRIEL BIANCHI	
Surpresas do dia a dia.....	50
WALDNER LUI	
Os 15 anos da ARLEC.....	52
LANÇAMENTO - POR JOSÉ LUIZ BALTHAZAR JACOB	
Noite de autógrafos de Maria Helena Curti	54
LANÇAMENTO - POR ELMA ENEIDA BASSAN MENDES	
Wilson Daher - Alma Serena.....	56
PRÊMIOS - POR JOÃO ROBERTO SAES	
Angelo Soares Neto no Premio Mondiale di Poesia Nosside	58
CONSELHO EDITORIAL	
Ponto Final	60

Os textos aqui reproduzidos são de autoria e responsabilidade de seus autores e não representam, necessariamente, a opinião nem da Arlec e nem da Editora.





E

ditorial

*Quanto mais pesado o fardo, mais próxima da terra
está a nossa vida, e mais ela é real e verdadeira.
Por outro lado, a ausência total de fardo faz com que o
ser humano se torne mais leve do que o ar,
com que ele voe, se distancie da terra,
do ser terrestre, faz com que ele se torne semi-real,
que seus movimentos sejam tão livres
quanto insignificantes. Então, o que escolher?
O peso ou a leveza?*

Milan Kundera, *A insustentável leveza do ser*

Sejamos leves. *Leve, como leve pluma. Muito leve, leve pouso*¹.
Sejamos leves como a edição nº 12 de *Kapiiuara*. Deixemo-nos le-
var pelas crônicas, artigos, homenagens, premiações e comemora-
ções. É tão bom poder não pensar em nada além da leitura. Ela traz
a paz que necessitamos para enfrentar os dias atuais.

Com esta edição, mais um ciclo anual se fecha para a revista.
Sempre antenada e mesclando estilos, *Kapiiuara* vai, aos poucos,
tornando-se uma referência literária que cada vez mais conquista
seu espaço pelo mundo afora.

E tudo isso é fruto da dedicação dos acadêmicos da ARLEC que
entendem a necessidade de uma produção literária que enalteça a
sua tão prestigiada Academia de Letras e Cultura, hoje debutando
aos seus 15 anos de existência.

E tanto já foi feito pela Arlec: antologias, concursos, palestras,
exposições, filantropia e muito mais. Que venham outros 15, 20,
30... e tantos anos mais. A cultura merece essa conquista!

A prosa de Herbert, a poesia de Cidinha e a arte de Darwin são os
convidados especiais da revista. Leia, reflita e aprecie.

E não posso deixar de comentar sobre o talento e criatividade
dos acadêmicos em textos dos mais diversos estilos – prosa, poesia
e artigos – que, de certa forma, dialogam um com o outro, demons-
trando assim a sintonia existente entre os escritores rio-pretenses.

Kapiiuara conquistou seu espaço e deverá com o tempo alçar
outros voos, apresentando novos talentos em suas páginas e mos-
trando ao mundo a diversidade cultural dos escritores rio-pretenses.

Vida longa e próspera à revista mais cultural da região.
Boa leitura!

Márcio Martelli (*Escritor e editor*)

*Presidente da AJL - Academia Jundiense de Letras
Biênio 2023/25*

¹ *Amor*, de João Ricardo Carneiro Teixeira Pinto / João Apolinário Teixeira Pinto.





Apresentação de Herbert Paes de Barros Mercer

Maria Helena Coelho Curti

Cadeira 10

É minha a culpa de Herbert ter voltado a ser rio-pretense, depois de ter deixado a cidade com três anos de idade. Com vinte e quatro anos ele veio a Rio Preto como motorista de seus pais e foram nadar em minha casa. Seu cunhado, marido de minha amiga de infância e xará, Maria Helena Mercer, perguntou, em voz alta para todos ouvirem.

– Maria Helena: você tem uma prima para apresentar ao Herbinho. Ele já tem 24 anos e está enalhado.

– Tenho sobrinhas. A filha da Elaine deve ter a idade dele...

Resumindo, ele se casou com minha sobrinha Vera Márcia Ferreira Fontes e viveram oito anos em São Paulo, de onde trouxeram dois filhos novinhos ainda.

Herbert Paes de Barros Mercer nasceu em Rio Preto em 1949, filho do médico Herbert Harrison Mercer, Delegado de Saúde da nossa região, e de Sofia Paes de Barros Mercer, professora da escola Cardeal Leme. Mudou-se com seus pais para São Paulo em 1952.

Herbert é jornalista aposentado, formado pela Escola de Comunicações e Artes da USP em 1971. Entretanto o jornalismo é uma função de que se ocupou durante apenas um quinto de sua carreira profissional. Décadas depois, voltou à USP, onde fez por dois anos o curso de mestrado em jornalismo eletrônico.

Herbert tornou-se contista sob a orientação de seu amigo de juventude Oswaldo Pullen Parente, contista publicado. Seus contos circulam privadamente entre amigos desde 2012. Somente um foi publicado, na antologia dos contos premiados do tradicional concurso literário de Santa Maria, no Rio Grande do Sul.





Rhett



– Você assistiu “E o Vento Levou”?

– Claro que sim, Cláudia.

– Eu também. Toda sexta-feira meu pai tirava na locadora os filmes que a gente pedia e sempre trazia um de sua escolha que nós *tínhamos* que assistir, sob pena de decepcionar o homem. Era um pai tão carinhoso, tão bom pai, que a gente não podia contrariar. Uma vez foi “E o Vento Levou” e, de cara, nós protestamos porque era tão longo que tinha dois DVDs. “É que, além de ser um grande filme, é um filme grande”, ele explicou e apertou o *play*. Gostei tanto que acordei cedinho e assisti de novo.

– Mas, porque você perguntou...

– Pois é: ontem, meia hora antes de fechar a floricultura, o Rhett Butler entrou e sorriu para mim!

– Parecido com o Clark Gable?

– Nem um pouco. Mas também era um homem bonito, de uns quarenta anos. A semelhança é de outro tipo. Lembra que no começo do filme tem um churrasco de casamento e várias moças em idade de se casar circulam entre muitos rapazes interessados nelas. Tanto eles quanto elas filhos de fazendeiros de algodão ou tabaco. Também está presente Rhett Butler, que é comerciante e bem mais velho que os jovens. Pois bem: naquela cena eu via Rhett como um lobo e os filhos



de fazendeiros como poodles. Os homens que compram flores na minha floricultura são poodles, contrastando com o lobo que entrou ontem lá. Ele tinha a capacidade de atrair o lado fêmea desta sua amiga recatada. Só que ele estava interessado em conquistar outra.

“De quantas rosas preciso para convencer uma jovem a ceder?” – o Rhett perguntou. Respondi que rosas são para pedir desculpas por uma falha menor. Para ceder é preciso algo mais poderoso. Mandei que se sentasse, que eu ia preparar o buquê lá nos fundos. Voltei com um maço variado de flores e folhagens que inventei na hora. Ficou bonito, mas não muito elegante e bem fora das normas que a gente aprende naqueles cursinhos profissionalizantes.

“Uau! Tem razão. Isso é muito mais convincente que uma braçada de rosas. Como se chama?”

“Não tem nome: aí tem flores de quatro espécies e meia dúzia de folhagens. Se ela perguntar, diga que a florista se recusou a revelar seu segredo. Vou lhe cobrar o preço de uma dúzia de rosas”.

– Ele saiu com um sorriso safado na cara de conquistador. E eu fiquei com inveja daquela jovem que hesitava em ceder. — Nós duas rimos, pois minha amiga não conhece mulher mais certinha e pudica do que eu.

– Boa tarde, senhor. Sucesso?

– Infelizmente não.

– Que pena!

– A senhorita é ótima florista, mas péssima mentirosa. Seu “que pena!” foi triunfal, não compadecido. Não importa. Ontem, a primeira ideia que me cruzou a cabeça, quando percebi que era uma causa perdida, foi: “agora resta visitar a bela florista”. E aqui estou, para perguntar se aceita jantar comigo hoje.

– Não, obrigada, mas almoçaria com o senhor amanhã, se lhe convier.

– Ao meio dia. É uma hora boa para fechar a floricultura?

– Ao meio dia está perfeito. Por favor, não escolha restaurante distante ou de serviço lento, pois preciso reabrir assim que possível.

Foram a um bistrô simpático que só oferecia três pratos, então o serviço foi rápido e o almoço delicioso. Rhett contou que se chama Renato, é arquiteto e sócio de um estúdio especializado em projetar edifícios de apartamentos. – Atualmente os negócios imobiliários andam devagar e eu disponho de tempo para tentar seduzir uma inocente florista. Já fui casado, tenho uma filha linda e a esperança de um dia voltar a ter filhos. Você gostaria de ter filhos um dia?

– Minha irmã – que abriu a floricultura – tem dois filhos e tenho muita inveja dela, que nem tem tempo, hoje, para vender flores. Mas acho que sempre terei tempo para filhos e flores.

– Ótimo, pois sempre terei tempo para filhos e para projetar um estúdio ainda menor que os minúsculos que já desenhei e que se venderam sozinhos para jovens *workahólicos* que não têm tempo para ter filhos.

O casal foi viver junto, mas, antes que Cláudia suspendesse o anticoncepcional, Rhett foi seduzido por uma advogada de divórcios que era a exata antítese da inocente florista.

Cláudia casou-se com um dos poodles que frequentavam sua loja só para paquerar a florista. Têm dois filhos e ela convenceu a irmã a cada uma tocar a loja em meio expediente.

Depois de meses de lua-de-mel, a advogada desafiou Rhett a competirem para ver quem tinha mais parceiros fora do relacionamento. Rhett perdeu. O choque da súbita separação lhe fez bem. Hoje vive com a filha e a ex-ex-mulher num apartamento espaçoso projetado por outro arquiteto.





Primos

Uma sexta-feira sim, outra não, eu viajo da cidade onde vivo para a cidadezinha onde nasci. Vou de ônibus, em menos de uma hora. Na última sexta-feira foi diferente, porque meu namorado comprou um carro e fez questão de me levar até lá. Eu aceitei de má vontade, pois achei o cúmulo ele gastar todas as suas economias num automóvel.

Durante a viagem eu disse, brava: – Faz anos que nós estamos namorando firme. Nosso namoro não ata nem desata porque você está acomodado. Não faz uma poupança, não investe no futuro da gente. Nós dois ganhamos bem, já poderíamos morar juntos, mas... – e fui descascando a batatinha na orelha dele, coisas que eu estava guardando para mim até destampar tudo aquela noite.

Ele não abriu a boca, até parar na estradinha de terra e puxar o freio de mão, no meio de um capão de mato. Ele acendeu a luz do teto do carro, olhou pra mim e perguntou: – Quer casar comigo?

Em vez de sorrir, eu olhei furiosa para ele. Saí do carro sem dizer nada. Eu pensava: *Ele já viu filmes na tevê o suficiente para saber que essa é a hora em que a bobinha se derrete e diz "Sim, sim, sim!" deslumbrada.* Então, apesar da luz fraca e vermelha da lanterna do carro, reconheci que estava na matinha que foi, um dia, parte do sítio do meu avô. Aquela era a estradinha onde eu corria descalça e nenhum dos meus primos conseguia me alcançar. Tirei os sapatos, os lindos sapatos caros que eu tinha comprado horas antes, no meu intervalo do almoço. Andei descalça na areia gelada da estrada, cheguei até a fingir uma corridinha. Pensei: *Sapatos caros, que eu não precisava comprar, pois já tenho tantos...* Então entendi que eu não era diferente do meu

namorado. Em vez de poupar para acertar nossa vida, eu gastava meu pouco dinheirinho em coisas de que não precisava, roupas, presentes para os amigos, pulseirinhas, perfumes, sapatos... Com um ânimo menos brigão, voltei até o carro, sentei-me e olhei bem nos seus olhos.

– Você estava falando sério?

– Seríssimo. Eu tenho pensado em casamento faz um tempão. Eu tenho um primo, em Minas, a duas horas daqui, que é pastor protestante. Na verdade, é primo do meu pai. Ele é meio malandrinho, explora a fé dos crentes, ganha o dinheiro deles. Mas tem uma coisa que ele leva a sério: o casamento. Ele quer casar todo mundo. “Ninguém tem que viver amancebado: o casamento foi feito por Deus para todos os que se amam”, ele diz. “É um santo sacramento e eu tenho o poder de dá-lo a quem quiser, é um dom de Deus e eu sou Seu instrumento.” O pastor não quer saber se tem proclamas, se tem impedimento. Primeiro ele casa e depois o casal vai atrás dos papéis. Agora são sete da noite, o tanque do carro está cheio. Se a gente for até lá, chegamos em tempo de conversar com ele hoje à noite e amanhã cedo ele nos casa. Quer casar comigo, meu amor?

Dei-lhe um beijo e disse, apenas: – Vamos!

Em menos de duas horas estávamos circulando devagar por uma cidade pequena até que ele disse: – É aqui! – Parou, desceu, tocou a campainha de uma casa modesta. Uma mocinha abriu a porta e ele entrou. Pouco depois voltou com um homem mais velho que veio até a calçada e me deu a mão para eu sair do carro. Ele me beijou a testa como se eu fosse sua filha e me disse: – Deus te abençoe!

Entramos em sua casa, que era bem maior e melhor por dentro do que parecia da rua. Ele me





instalou num quarto e meu namorado no outro. Mandou a filha nos dar jantar e a garota logo conseguiu nos servir uma refeição completa e gostosa, não sei tirada de onde.

Na manhã seguinte o pastor pegou minha mochila e me levou até a rua. Andamos só dois quarteirões e ele entrou em um casarão.

– Esta é a pensão de uma viúva, devota da minha Igreja. Ela vai hospedá-la em seu melhor quarto, mas você não lhe deve nada: ela me apoia na defesa do casamento. Espero que fique confortável. É só por dois dias. O novo promotor da comarca exige que eu respeite certos procedimentos, formalidades. Acho que você vai compreender...

Eu compreendia, é claro! Melhor casar com os papéis em ordem do que depois correr atrás. Instalada no meu quarto, simples, mas com bela vista do casario do centro, descobri que meu celular estava sem carga e eu não tinha carregador. Pensei: “Melhor. Depois que estiver casada eu ligo a cobrar e conto a novidade para a minha mãe”.

No dia seguinte, depois do almoço, meu namorado me levou a pé até a porta da pensão. – A cidade é pequena, mas aqui tem um escritório que obtém online as certidões de que precisamos, emitidas nos cartórios das nossas comarcas. Vou lá pedir e torcer para chegar logo. – Me deu um beijinho e continuou a pé rumo ao centro.

Acabei ficando mais que dois dias. Almoçava na casa do pastor, onde sua filha se desdobrava para nos servir muito bem. O jantar era bem mais modesto, servido pela dona da pensão, mas era comida saborosa, simples, uma versão melhorada do que eu jantava na minha infância humilde. Meu namorado, eu quase só via pouco antes, durante e depois do almoço. Depois de comermos, ele saía para ir providenciar os documentos e me

levava pelo braço, como se eu fosse uma tia velha, até a pensão, me beijava na testa e dizia: – Até amanhã, meu amor! – Por sorte eu trouxe na mochila dois livros das matérias em que poderia ser reprovada. Aproveitei o tempo livre estudando a sério para as provas da faculdade.

Hoje, passados uns dias, eu me cansei daquela enrolação e cheguei uma hora mais cedo à casa do pastor, disposta a cobrar uma definição. Encontrei os móveis de pernas para o ar, duas faxineiras ajudando a arrumar o que parecia uma festa. O pastor me viu e convidou para passearmos pela cidade.

– Eu prefiro passear com o meu namorado.

– Não é possível. Chegaram as certidões que faltavam. Ele acaba de sair para buscar e deve demorar pelo menos uma hora. Vou lhe mostrar meu modesto templo.

Finalmente o pastor e eu retornamos, na hora do almoço, e meu namorado nos esperava na calçada. Ele me beijou a testa, me tomou pelo braço e eu novamente me senti como uma parente mais velha. Fomos caminhando e ele finalmente disse alguma coisa.

– Aconteceu um imprevisto, enquanto eu providenciava os papéis do nosso casamento. – Ele se calou novamente e continuou andando devagar. Dali a meio minuto perdi a paciência e exclamei:

— E daí?

Ele ainda deu mais uns passos em silêncio. Finalmente parou, virou-se de frente para mim, pôs as mãos em meus ombros e disse: – Sempre fomos apaixonados, minha prima e eu. Pensei que isso tinha passado, mas descobrimos que não. Amanhã o pastor vai me unir a ela no sacramento do matrimônio, como sempre foi seu desejo. Me perdoe, mas acho que você deveria partir...





Academia convida para

Poesia

A poesia encanta

João Roberto Saes

Cadeira 29



Foto: divulgação

A comunicação tem suas peculiaridades que nos fazem refletir profundamente sobre a própria existência.

Uma das formas mais suaves da comunicação, sem dúvida, é a poesia que nos encanta e nos deixa extasiados.

Por tudo isso, quando lemos uma poesia, automaticamente associamos com uma pessoa. Uma delas é a amiga **Cidinha Donaire Mello e Oliveira**, dona de um estilo encantador.

Nascida em Tabapuã, em 25 de outubro de 1932. Médica formada pela Universidade Federal do Paraná. Foi casada com Dr. Neon de Mello e Oliveira (falecido), com quem teve quatro filhas. Autora de vários livros com publicação própria, dentre os quais: *Meus Escritos* (9 volumes), *Trovas para Florbela Espanca*, *A Lenda do Pássaro Azul* (sobre a fundação de São José do Rio Preto), *Vovó Leonor - Adágios*, *Redondilhas*, *Contos e Cantos da Espanha*, *Histórias clássicas adaptadas em versos para crianças*, participação na obra *Natal em palavras*, publicado por THS Editora e participação na Antologia *Delicadezas*, Editora In House. Um livro para cada um dos cinco netos. Uma coleção de livretos.





A vida

Viva a vida com prazer
No trabalho ou no lazer,
Sempre com motivação.
Estar em boa sintonia,
Todas as horas do dia
Tendo Deus no coração.

Uma vida sem temores,
Repleta de primores,
Ela deve ser vivida.
Nas passagens do caminho,
Alinhando os desalinhos
E muita luta vencida.

Exercitando a mente
A ter a alma contente
E agradecer as benesses.
A cada passo que damos,
Sempre nós constatamos
Que Deus nunca nos esquece



Fim de ano

Todo fim de ano
Esquecemos desenganos,
Renovamos a nossa fé,
Pedimos muita coragem
Nesta nossa passagem,
Sempre com muito axé!

Cada um a seu jeito
Quer fazer tudo perfeito
Com total satisfação.
Crescer e evoluir,
O bom caminho seguir,
Tendo alegre o coração

Promessas e mais promessas
Assim que o ano começa
São dirigidas ao céu
Para que Deus nos abençoe,
Nossos deslizes perdoe
E nunca nos deixe ao léu!

Queremos a todo custo,
Sempre de modo justo,
Conseguir o nosso intento.
A vida toda regrada,
Ter a nossa caminhada
Cheia de bons momentos.

Mas para isso é preciso
Muito, muito siso,
Um viver compensador
Para seguir sempre em frente,
Gostar da vida, de gente
E ao simples dar valor!





Um outro Darwin famoso

Rosalie Gallo y Sanches

Cadeira 29

Conheci Darwin há muito, muito tempo. Parece o início de uma fábula infantil, mas é assim mesmo. Ele era uma criança, recém saído da década de 50 (nasceu em 1953). Meu aluninho. Foi nesse período de começo de vida que ele me presenteou uma aquarela que mantenho enquadrada em minha casa, na sala de visitas: uma excelente leitura do sofrimento de Jesus crucificado.

Envolvido em artes das boas, vive desde sempre entre cores e tintas, com irmãos também brilhantes como ele.

A vida nos carregou para longe sem que nos esquecêssemos um do outro, porque a saudade faz isso: liga as pessoas pela sintonia de afeto.

Um dia, "de repente, não mais que de repente", eu o encontro na internet. Falamo-nos. E vínculos mútuos o trazem à minha casa onde ele se surpreende ao ver sua antiga produção na parede da sala. Traz consigo a esposa Silvana que já me conhece de ouvir falar, a dor da perda de uma filha e a já saudade dos outros dois filhos que não os acompanharam nesta viagem. Traz também alegrias em meio a saudades de outros tempos, de outros lugares tão caros a nós, como o Cine Votuporanga, eternizado em seu papel canson, agora também comigo.

Autodidata e sempre aplicadíssimo em sua formação profissional, iniciou sua atuação no magistério superior na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, câmpus de Campos Grande, onde vive. Tem, porém, outros domicílios em várias casas, pelo mundo pelas obras espalhadas.



Foto: Rosalie Gallo

Conheçam e apreciem, pois, o outro Darwin famoso, Darwin Longo de Oliveira. Um artista das cores que transita por caminhos diversos entre os quais a aquarela, a gravura, o nanquim, o acrílico sobre papel... sempre mostrando a vida!





Foto: divulgação

Feira - Acrílico sobre tela - 24X32cm.
(Acervo Gilberto Luiz Alves)



Foto: divulgação

Gari - Acrílico sobre tela - 50X60cm.
(Acervo Gilberto Luiz Alves)



Foto: divulgação

Cine Votuporanga - Aquarela sobre papel - 30X40cm.
(Acervo Rosalie Gallo)



Foto: divulgação



O cortiço - Acrílico sobre papel - 60X40cm.
(Acervo Alice Rodrigues de Oliveira)



Foto: divulgação

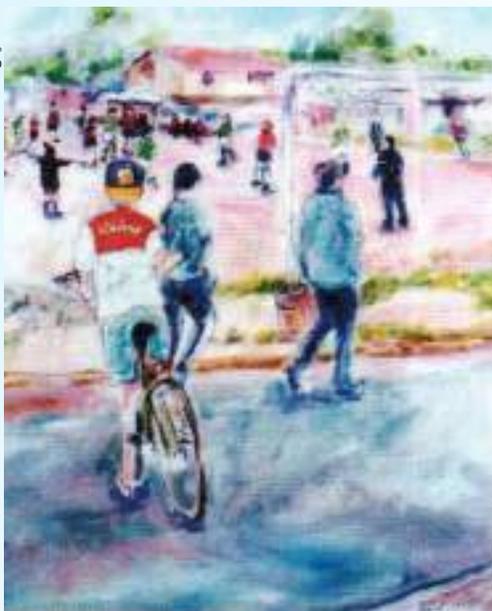
Corumbá - Nanquim sobre papel - 32X60cm.
(Acervo Gilberto Luiz Alves)

Foto: divulgação



Poesia da bicicleta
Acrílico sobre tela - 60X50cm.
(Acervo Eduardo Romero)

Foto: divulgação



Pelada de domingo - Acrílico sobre tela - 50X40cm.
(Acervo Gilberto Luiz Alves)



Foto: divulgação

Portal UFMS - Gravura - 32X20cm.
(Acervo Gilberto Luiz Alves)



Homenagem

Jayme Signorini

Angelo Soares Neto

Cadeira 23

Patrono da cadeira número 23 da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura.

Nascido em São José do Rio Preto em 14/3/1936 e falecido em 28/5/2020. Escritor, economista, bancário, nadador; fundador e segundo vice-presidente da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura – ARLEC de 2008 a 2012, delegado regional de Cultura de 1997 a 2000, coordenador regional do Centro Cultural Prof. Daud Jorge Simão de 1993 a 1994, fundador e presidente da Academia Maçônica Rio-pretense de Letras de 2005 a 2007, venerável mestre da Loja Maçônica Paz e Fraternidade de 2003 a 2004.

A flor humana que foi Jayme deixou em seus amigos um perfume doce de falsa despedida.

Essência fundamental que permanece, atravessa poros e fica alojada no mais profundo dos sentimentos, na viva lembrança, em cada sorriso abraçado na harmonia da convivência. Em nós, saudade. Em sua família, o adubo de canteiros sem fim.

A flor Humana

Vi nos canteiros do meu jardim
sob o milagre de um triste pranto
uma flor despertar o seu encanto
e assim desabrochar para mim

era uma flor azul diferente
meiga, olorosa e cheia de vida
era jasmim, rosa, margarida
que assim torturava a alma da gente?

a sua beleza me confundia
eu fiquei horas a contemplá - la
enquanto isso me desvanecia

era grande, bastante crescida
que em meus braços pude afaga-la
sim, pois ela era minha querida!



LEI Nº 14.051 DE 13 DE DEZEMBRO DE 2021.

Denomina "Jayme Signorini" a Rua Projetada 15 do Complexo Multifuncional Carareto.

PREFEITO EDINHO ARAÚJO, do Município de São José do Rio Preto, Estado de São Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas por Lei;

FAZ SABER que a Câmara Municipal aprovou e ele sanciona e promulga a seguinte Lei:

Art. 1º Passa a denominar-se "**Jayme Signorini**" a Rua Projetada 15 do Complexo Multifuncional Carareto.

Art. 2º As despesas decorrentes da execução da presente Lei, incluindo-se a confecção e a colocação das placas denominativas, correrão por conta de verba própria do orçamento Municipal.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Prefeitura Municipal de São José do Rio Preto, 13 de dezembro de 2021.

PREFEITO EDINHO ARAÚJO

Registrada no Livro de Leis e, em seguida publicada por afixação na mesma data e local de costume e, pela Imprensa Local.



Foto: divulgação



Homenagem

(Uma homenagem a Zêqui Elias,
Patrono da Cadeira de número 13)

PARTE I – ENTREVISTA (de Poeta para Poeta)

Cleber Junio Falquete: Vamos dialogar com um dos grandes nomes da nossa cultura local, o escritor, poeta e professor, Zêqui Elias. Uma grande honra para mim, poder construir esse, mesmo que breve, diálogo com um poeta que, apesar de não o ter conhecido pessoalmente, tenho muita admiração por toda sua obra e muito orgulho por ter assumido, como Ocupante, a sua Cadeira de Patrono, número 13, da Arlec – Academia Rio-pretense de Letras e Cultura. Por favor, nos conte um pouco de sua história.

Zêqui Elias: *Nasci em Macaúbal, interior do Estado de São Paulo, em 09 de maio de 1935, mesmo ano em que faleceu o poeta Fernando Pessoa. E faleci em 20 de agosto de 2019, em São José do Rio Preto, de insuficiência respiratória. Sou filho de pai sírio e mãe libanesa. Fui casado com Magali Ferreti e tivemos quatro filhos.*

CJF: E qual é a sua formação acadêmica?

ZE: *Concluí o Curso em Línguas Neolatinas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – FAFI, atual Unesp, de São José do Rio Preto-SP, em 1962. Nunca me esquecerei de alguns professores, como Flávio Vespasiano Di Giorgi, Edouardo Querin, Rodolfo Azzi, Norman Potter, Wilson Cantoni, Eduardo Cañizal e tantos outros que a*

De Poeta para Poeta e Vice-Verso

Cleber Junio Falquete
Cadeira nº 13



Foto: Cleber Junio Falquete

memória me foge, mas dos quais sou eternamente grato por todas as lições que tive, em sala de aula e fora dela.

CJF: Você era Doutor em Literatura Brasileira, não?

ZE: *Sim, obtive a qualificação com a defesa de minha tese sobre a ironia em “Memórias de Um Sargento de Milícias”, de Manuel Antônio de Almeida, em 1979. Fui professor da Unesp*





de 1964 a 1991, no Curso de Letras Vernáculas e Clássicas. Também fui Chefe do Departamento de Letras. A partir de 1991, lecionei na Pós-graduação até o ano de 1996, quando me aposentei.

CJF: Você desenvolveu outras atividades, além de professor?

ZE: *Eu fui radialista, ainda em Monte Aprazível, na ZYR 22, da Rede Piratininga e depois, já em São José do Rio Preto, trabalhei na nostálgica PRB 8. Colaborei em alguns jornais, como “A Notícia” e “Folha de Rio Preto”, infelizmente, ambos extintos. Também fui professor e diretor de vários colégios da região e da cidade, como o EEPSG “Victor Brito Bastos” e a Faculdade de Ciências e Letras de Votuporanga. Antes que eu me esqueça, fui membro do Conselho de Ética do Instituto de Moléstias Cardiovasculares, IMC e do Instituto do Coração de Rio Preto, o Incorp.*

CJF: Vamos falar de poesia. Você publicou muitos livros, todos de poesia e participou de algumas antologias de prosa. Quais são as suas maiores referências poéticas, quem são os poetas que mais o influenciaram?

ZE: *Certamente, são muitos. Posso citar Fernando Pessoa, Augusto dos Anjos, Manuel Bandeira, Cassiano Ricardo, Vinícius de Moraes, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles etc. Toda essa geração modernista teve uma presença, de uma forma ou de outra, em minha estética, ainda que sutilmente.*

CJF: Segundo Ana Maria Gottardi Leal, na apresentação de seu primeiro livro de poemas, “O Semeador”, de 1981, em seus versos são recorrentes algumas imagens, como água, terra, campo, tempo, espaço, pássaros.

ZE: *Meu querido primo, um irmão e um amigo, Doutor Wilson Daher, no prefácio do meu livro “Motivos”, de 2010, escreveu que meus livros “são entremeados de vivências, lembranças*

motivadas por arquétipos oriundos de seus antepassados, pois o poeta em questão sempre demonstrou seu apego às raízes das quais emergiu sua produção literária.” Veja, eu cresci em meio à natureza, fui criado no campo, passei a minha infância no meio rural. Essas experiências de vida são construídas, consciente ou inconscientemente, por nós mesmos e, de certa forma, são como um reflexo de luz que surge repentinamente no espelho, quando estamos a elaborar um poema ou um conto. E isso reforça o que Lelé Arantes, um outro velho amigo e editor de muitos livros meus, diz a meu respeito, que eu era o último dos poetas românticos (risos).

CJF: No prefácio do livro “O Semeador”, o professor Rogério Chociay cita dois tipos extremos de poetas: o poeta artesão e o poeta da inspiração. Porém, ele o situa nessa balança pendendo como um poeta mais próximo da inspiração. E na apresentação do seu livro “Ideário da Solidão”, de 1999, Odécio Lopes dos Santos afirma que você “é um poeta sensível, justamente porque sua sensibilidade não fica tentada a usar truques ou modismos literários. É poesia que fala por si própria, tem o poder da sinceridade, não precisa de artifícios ou experimentalismos”. Você concorda com eles?

ZE: *Gosto da força da criatividade, da força do amor, da sensibilidade. Acredito na inspiração como a mais pura, genuína e generosa das formas de criação. Na apresentação do meu livro “O Passageiro”, de 1983, F. S. Borba escreveu que “um poeta é, por definição, um sensitivo” e que “há ainda aquela habilidade especial em transpor, para um determinado tipo de linguagem, toda a experiência acumulada”. Mas, de qualquer forma, o artesanato das palavras é um processo inerente a qualquer poeta.*

CJF: Em muitos de seus livros, há a colaboração de alguns membros da Arlec, antes mesmo



da criação da Academia. Fale um pouco dessas parcerias.

ZE: *No meu primeiro livro de poesias, "O Semeador", a capa foi desenvolvida pela Hygia Therezinha Calmon Ferreira. Já no segundo, "O Recém-vindo", a capa foi desenhada pelo saudoso Sérgio Motta. Nos livros "Motivos", de 2010 e "O Outro Silêncio", de 2013, o prefácio foi do meu querido primo, Doutor Wilson Daher. Além disso, alguns livros foram editados pelo Lelé Arantes.*

CJF: Você sabia que, após a sua morte, uma Lei Municipal denominou seu nome a uma avenida em São José do Rio Preto?

ZE: *Apesar de ser um imortal, isso eu não sabia. Qual avenida?*

CJF: A antiga Avenida Projetada 7, no bairro Loteamento Setvalley, agora é Avenida Zêqui Elias. Uma singela homenagem à sua memória. O que achou?

(Nesse momento da entrevista, Zêqui Elias desapareceu. Não sei explicar o que houve. Ele pode ter voltado para o outro silêncio ou talvez apenas tenha ido conferir a placa em seu nome.)

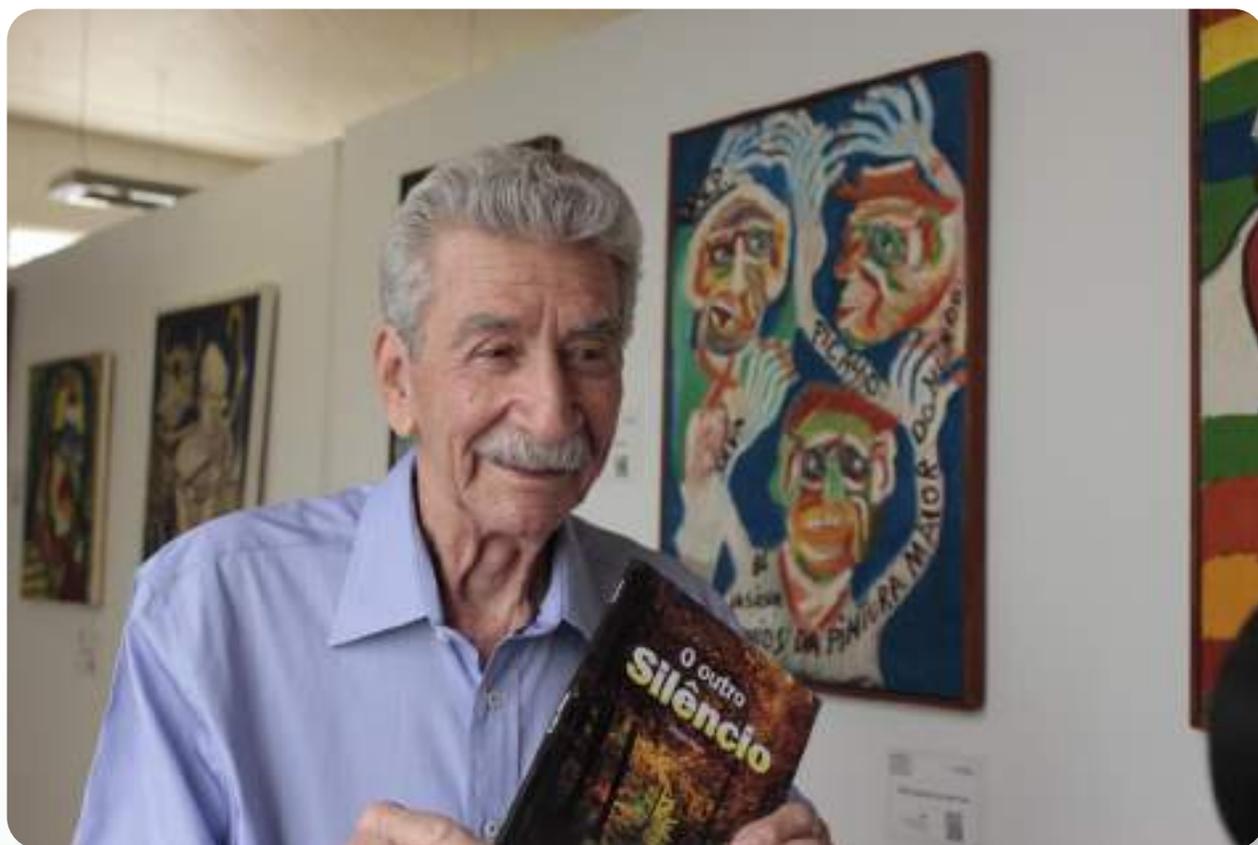


Foto: Divulgação / Diário da Região

Zêqui Elias no lançamento de *O Outro Silêncio* em 2013 no MAP (Divulgação).



PARTE II POEMAS (e Vice-Verso)

Por uma dessas maravilhosas coincidências da vida, por um desses encontros mágicos que atravessam o tempo e que nos encantam, por uma dessas sinergias ocultas que o universo nos reserva e nos presenteia, por um desses gestos involuntários, mas divino, de deuses literários, eu e o mestre Zêqui Elias, ambos poetas, ocupante e patrono, respectivamente, da Cadeira de número 13, da Arlec – Academia Rio-pretense de

Letras e Cultura, publicamos um poema com o mesmo título, “O Semeador”. Ele, em 1981. Eu, em 2017. Ou seja, 36 anos de intervalo entre nosso encontro poético. E o mais impressionante nisso tudo, é que eu escrevi o poema sem ter contato com o dele, apesar de já conhecer, nessa época, um pouco de seu trabalho poético, e o resultado é, no mínimo, intrigante, pois é inegável o diálogo, a convergência, uma espécie de fluxo de continuidade na colheita da consciência do eu-lírico de ambos. Tanto na forma quanto no tema, a conexão entre eles me parece inevitável.

O Semeador

(Zêqui Elias)

O semeador de trigo
tornou-se um bom sapateiro
pra ter na mesa o pão de cada dia
e um simples telhado a toda hora
como abrigo.

É assim
no moroso mormaço dos dias
nas longas vigílias noturnas
o corpo empedernido de sol
rodopia no ar seus suplícios
que desintegram antigas fantasias
no estridente baque intermitente
do martelo.

Hoje viandante dos labirintos
carrega na face o disfarce
da aguda dor que traz consigo
onde esconde secreto desalento
por ter deixado ao longo dos tempos
o alegre semeador de trigo.

Semeador

(Cleber Junio Falquete)

No tempo da conversão,
lavrei a minha carne
com o arado da penitência
e semeei
as veias de perdão.

Agora,
no advento da colheita
com as mãos cheias
dos frutos de orações,
contemplo

a árvore do pecado

e me lembro
de que sou
um jardineiro laico:
não sei podar
os galhos
de todo aquele sangue
brotado
nos hectares de minha história.



Crônica

O problema das frases prontas

José Luiz Balthazar Jacob

Cadeira nº 28

Tornou-se frequente pessoas, homens ou mulheres, buscarem um lugar no “altar da boa conduta ou santidade”. Esse “altar” é visto, por muitos, como o destino para os exemplos de honestidade, seriedade, despojamento, lealdade, caridade e comprometimento com a verdade.

“Tenho minha consciência tranquila” é uma frase feita, em especial, para pessoas que têm pesos em suas consciências e, por vezes, vivem sob pesado sentimento de culpa.

“Minha alma é limpa” é repetida, insistentemente, por pessoas que jamais se importaram com a alma, e também para muitos que tentam abrandar o temor que sentem de julgamentos humanos ou divinos.

Diversas outras frases, que se tornaram jargões, são parte do enorme “manual de frases prontas” destinado a acalmar a consciência.

“Eu só falo a verdade, se dói não tenho culpa” é um jargão muito usado pelos soberbos, que se julgam no direito de dizerem o que bem quiserem sem considerarem o impacto das palavras sobre o seu próximo.

Todos esses artifícios verbais são parte de um enorme arsenal de Mecanismos de Defesa Psicológicos, que o ser humano desenvolveu para se proteger dos julgamentos dos outros e, principalmente, dos julgamentos que venha a fazer de si.

Por isso, é tão difícil a atuação em Psicologia e Psiquiatria, nas quais um profissional, humano, precisar conhecer “manobras espetaculares” para penetrar através desses Mecanismos de Defesa e poder ajudar pessoas que, muitas vezes,

se julgam acima dos demais humanos. Verdade que tão difícil ou ainda mais, é penetrar o psiquismo e tratar os traumas e doenças daqueles que despedaçados psicologicamente se julgam subumanos.

Parece gozado ou brincadeira, mas é realmente uma miserável brincadeira essas frases feitas e, muitas vezes, postas como desafios vazios. Na década de 1940, George Orwell, chamava atenção para frases feitas e jargões que estavam deteriorando a qualidade da língua inglesa e o entendimento da população comum. Cita que quem as escrevia não prestava atenção a o que estava escrevendo. Nem sequer julgava os efeitos daquilo para si. Mostrava, por fim, que a maioria delas vinha de políticos e péssimos jornalistas. Trata-se do primeiro conto do livro “Como Morrem Os Pobres e Outros Ensaios”. Professores que ensinam o Inglês e o Português deveriam lê-lo, há várias semelhanças.

Eu, no entanto, estou citando frases usadas por prepotentes, contestadores e radicais nas mais diversas áreas de atuação humana.

Surgem os que em debates, palestras, postagens, etc., indagam:

– Você tem coragem de passar um filme de sua vida?

Pergunto eu se quem está perguntando teria essa coragem. Se julgou a dimensão do que está propondo. Ele desafiou pensando em possíveis desvios de verbas, cobranças ilegais, infidelidades as mais diversas, não apenas a sexual que é menos danosa do que tantas outras infideli-





dades. Será que o inquiridor em sua profissão ou no exercício de algum cargo temporário não comete (ou cometeu) desvios e cobranças que parecem legais, mas são para obtenção de vantagens pessoais? Nunca viajou sem ser às suas próprias expensas? A fidelidade está preservada em relação à família, crenças e valores que preconiza? São perguntas simples e rápidas que deveriam ser respondidas a si pelo inquiridor, antes de desafiar o outro.

Além disso, será que esse tipo de inquiridor se recorda que a vida não é apenas trabalho, leituras, atividades sociais e vida pública? Antes desse desafio vazio se lembra que terá de assistir a incontáveis brigas de crianças, discussões de casais, assistir ao outro fazendo suas necessidades fisiológicas, atos sexuais dos mais diferentes gostos, festas chatas e longas, funerais os mais diversos, inúmeros discursos em alguns casos? Para encurtar, coloco outras duas possibilidades ruins: a) Constatar que na maioria das vezes o desafiado é correto, pois o inquiridor desejaria ver apenas erros. B) Ouvir o julgamento que o desafiado e os que vivem ao seu redor fazem de você, inquiridor.

Para encerrar, lembro dos que dizem com pompa:

- Minha vida é um livro aberto.
- É possível, desde que você tenha encadernado

um amontoado de folhas nas quais escreveu algumas páginas que o façam parecer intelectual ou pessoa de sólidos princípios e deixe o livro aberto sempre na mesma página sobre a mesa de um escritório ou de sua casa. A vida não é e jamais foi um livro aberto, pois você não se lembra de inúmeras coisas boas ou ruins que tenha feito.

Se não se recorda, como pode ser feito um livro que corresponda plenamente a sua vida. A nossa vida é um dom incomensurável que não cabe em livro algum nem em uma coleção. Apenas o que nossos olhos viram não cabe em uma enciclopédia. Tem os incontáveis sabores, o que ouvimos, a diversidade de odores, gostos e sensações tácteis! Ainda há os sentimentos: amor, ódio, frustrações, alegrias, mágoas, exultações, esperança, fé, solidariedade e tantos outros.

Se para descrever todas as combinações de substâncias que formam o genoma humano seriam necessárias 1 milhão e 500 mil páginas (1.500.000) semelhantes às da Enciclopédia Britânica, segundo Siddhartha Mukherjee em O GENE. Imaginem somar a isso todas as páginas de nossos sentidos e sentimentos que citei acima.

Portanto, é fundamental deixarmos de tolices e frases vazias, e sim, fincarmos nossos pés no terreno da RAZÃO. Apenas com isso faremos a mais bela de todas as viagens possíveis: a impagável viagem chamada VIDA.



Crônica

Contos aterrorizantes da década de sessenta

Loreni Fernandes Gutierrez

Cadeira nº 19

É uma pena que já não se contem mais histórias como antigamente.

Lendo outro dia um artigo, por sinal interessante, lembrei-me das histórias que papai contava para alguns amigos em nossa terrinha – quando eu e meus irmãos, mais curiosos que enxeridos, sentávamos num canto para assuntar, dando vazão às ideias mirabolantes. Era na década de sessenta e começávamos a adolecer. Meu irmão mais velho dormia de luz acesa dois ou três dias, dependendo do grau “arrepiente” do relato, enquanto eu rezava, cobrindo a cabeça e amanhecendo com os cabelos elétricos feito esponjas. Preocupava-me a possibilidade de que

alguma mão invisível tirasse o lençol sobre a minha cabeça ou me puxasse pelos pés.

O irmão mais novo, um tanto incrédulo, perguntava sempre no final do relato: “É verdade mesmo, papai?”. E meu pai: “Uai, é claro que é: o meu compadre não mente!”. Uma dessas histórias se referia ao compadre Izidório, que vindo do velório de outro compadre, numa sexta, de madrugada, noite de lua cheia, sentiu a cabeleira arrepiando e o chapéu se levantando da cabeça no momento em que viu ao seu lado, por trás das cercas de arame farpado que separavam as pastagens da estradinha de terra, quatro velas acompanhando um caixão.





“Diacho! Será que eu deixei alguma coisa pendente com o compadre e ele tá vindo atrás pra me lembrar? Valha-me Nossa Senhora! Arreda coisa do outro mundo, que sangue de Jesus tem poder!” – gritou o Izidório ensimesmado. Então as velas se apagaram e só ficou a escuridão, pois até a lua se escondeu. Mais adiante, a uns quinhentos metros, havia uma porteira ao lado de um mata-burro que ele tinha que atravessar. Lá chegando, avistou um grande boi de cara preta sentado à beira da porteira e que se negava a levantar. “Dá licença seu boi, eu quero atravessar!” E nada! “Sai! Arreda! Oi, oi, oi!!!” Tudo em vão, pois o boi não arredava. Seu Izidório deu uma chicoteada na direção do boi e este desapareceu feito fumaça, no ar. Os cabelos do compadre se levantaram e ele mais uma vez se apegou: “Valha-me Nossa Senhora! Arreda, coisa ruim, que sangue de Jesus tem poder!”. E seguiu adiante, ensimesmado e segurando o cavalo que queria desembestar. Chegando na última porteira, à entrada de sua propriedade, ele viu um homenzinho sentado à beira do mourão com a cabeça sobre os joelhos e as mãos cruzadas nas canelas, parecendo dormir. “Boa noite seu moço, dá licença pra eu passar? E nada. “Ei! Boa noite, eu preciso atravessar!”. E tudo quieto. Seu Izidório pensou que o cabra estivesse bêbado e gritou: “Ei, rapaz, faça o favor de sair do caminho que eu quero passar! E nada do moço se mexer. O cavalo começou a fungar e a pisotear o chão e seu Izidório, irritado, gritou: “Arreda, estropício! Saia já do meu caminho que eu preciso passar!”. Então o rapaz, levantando os olhos esbugalhados e com uma voz rouca e estridente, respondeu: “To druminnndooooo”. O cavalo disparou a uns quinhentos metros na direção da matinha e quando o seu Izidório retornou, com a cabeleira e os pelos do corpo eriçados e o cavalo, que não era medroso, tremendo de pavor, a coisa esquisita não estava mais lá. Então ele, mais uma vez, se apegou: “Valha-me Nossa Senhora! Arreda,



coisa ruim, que sangue de Jesus tem poder”!. E abrindo a porteira sem descer do cavalo, correu para dentro da casa e até se esqueceu da sela no pobre animal. Aquela foi uma noite e tanto! Tempos depois, numa pescaria, também em noite de lua cheia, um compadre do Izidório, colocando sobre a cabeça um lençol e se aproximando do amigo, pôs-se a fungar devagarinho. Izidório, acordando assustado, gritou: “Valha-me Nossa Senhora! Arreda, coisa esquisita, que sangue de Jesus tem poder!”. O amigo, segurando o riso, num tom jocoso gritou: “To druminnndooooo”!. Os demais pescadores acordaram e foi uma algazarra geral.

A avançada tecnologia de entretenimento dos dias de hoje nos proporciona emoções e frenesis das mais variadas espécies, fazendo que muita gente ainda durma com a luz acesa ou com a cabeça coberta. Mas não é a mesma coisa – e nem tem o mesmo sabor.

É uma pena que já não se contem mais histórias como antigamente.





Crônica

Rigor mortis

Pérsio L. Marconi

Cadeira nº 15

Na década de 1970, a cidade de São José do Rio Preto já tinha orgulho de sua Faculdade de Medicina, a hoje nacionalmente conceituada FAMERP (Faculdade de Medicina de Rio Preto), centro de referência e pesquisa no país. Com conceitos máximos na classificação do Ministério da Educação, suas vagas são muito disputadas por candidatos de todo o país e do exterior.

Naquela época, as aulas práticas da disciplina de Anatomia eram realizadas em cadáveres e suas partes, com o intuito de dar ao estudante noções bem realistas do corpo humano, em suas minúcias. Tal prática hoje em dia não mais ocorre, tendo sido substituídos os cadáveres por modelos de acrílico, plástico, resina e outros materiais, mas mantendo o realismo da anatomia do corpo humano. Alie-se a isso, a dificuldade de se encontrar e manter um cadáver para essa prática. As famílias relutam em doar seus entes queridos para a pesquisa e os estudos. Ademais, hoje os promotores de justiça são rigorosos em apurar crimes de vilipêndio aos cadáveres, previstos no Código Penal Brasileiro, em seu artigo 212.

Um amigo meu, hoje renomado dermatologista no estado, estava atrasado com suas pesquisas de dissecação do tronco humano. Precisava terminar com urgência os estudos sobre o ombro, o peito e a axila do ser humano, com todos os seus detalhes. Assim, foi sozinho ao laboratório da faculdade, à noite,

concluir a pesquisa. A certa altura, precisou dissecar a parte interna da axila do cadáver, encontrando certa dificuldade em manter aberto o braço, devido ao endurecimento dos tecidos, denominado cientificamente de “rigor mortis”. Desta forma, optou por amarrar um barbante grosso ao pulso do corpo, puxando o braço para cima, até expor a axila a ser dissecada. Amarrou a outra ponta a uma torneira próxima, para que pudesse se aproximar e estudar com calma os tecidos.

Tudo ia bem, até que, a certa altura, o barbante amarrado à torneira se soltou, fazendo com que o braço do cadáver voltasse à posição original, praticamente abraçando a cabeça do desavisado estudante. Assustado e horrorizado, ele largou tudo e, correndo, atravessou as portas do laboratório, saiu pelos portões da faculdade, cruzou uma movimentada avenida para, enfim, ofegante, parar e pensar no que havia ocorrido. Até hoje ele não sabe como não foi atropelado na fuga desenfreada.

Passado o susto, com calma, ele retornou ao laboratório, conferiu se o cadáver ainda estava lá e concluiu seu trabalho, devolvendo o morto ao tanque de formol onde ele era mantido.

Dias depois, tomou coragem para contar a peripécia aos colegas que, até hoje, pedem para que ele conte sobre a experiência inusitada de ser abraçado por um cadáver.







Crônica

O botão

Eudes Quintino de Oliveira Junior
Vice-Presidente da ARLEC - Cadeira nº 26



A solenidade estava prestes a ter início. As pessoas ainda circulavam pelo imenso auditório em busca de um lugar ideal para assistir à cerimônia de abertura. Vozes desconcertadas ainda ecoavam por todos os lados, à frente, em meio e ao fundo, como uma verdadeira Torre de Babel.

Num repente, ampliada, uma voz ocupou o ambiente anunciando o início da solenidade, pondo fim às mais diversas conversas.

Foi quando tomei meu assento, justamente na primeira fileira. As cadeiras avulsas ali dispostas, praticamente juntas, não permitiam nenhum movimento corporal. Nem mesmo o tradicional cruzamento de pernas. Quer dizer, cada um ficaria quase que estático, com as mãos sobre os joelhos, sem qualquer possibilidade de recolhê-las,

além do que os ombros, quase que engessados, permitiam somente o movimento com o pescoço. Era ele o único que poderia se movimentar para a esquerda e direita, sem obstáculos.

E aí veio o botão à tona. Muitos dos leitores poderiam até pensar que se tratava de um botão de rosa, da rosa de Drumond, ou até mesmo da Rosa de Hiroshima, tão cantada musicalmente, ou até mesmo da rosa que caiu, da música “Cuitelinho”, de Pena Branca.

À tona. Exatamente, como se fosse lançado por uma catapulta. O quarto botão da camisa, de cima para baixo, aquele que circunda a região abdominal – conhecido até como moderador – pois equilibra a parte superior com a inferior – ejetou-se como um míssil desgovernado.





Inicialmente, pensei que tivesse caído no assento e coloquei as duas mãos para fazerem o rastreamento necessário. Mãos para lá, para cá, vasculha aqui e ali, além de toda região periférica e nada encontrei.

Nova tentativa. Agora alçando um olhar mais adiante, à frente e para os lados. Para minha surpresa – com um suspiro revelador de final de ansiedade – avistei o pequeno botão, branco, com detalhes de caramelo nas bordas, não à minha frente em linha reta, mas sim passando para duas cadeiras após a minha, para o lado direito.

Senti que, se não passasse ninguém pelo local, poderia arrecadá-lo após a cerimônia. Ledo engano. Percebi, logo em seguida, a movimentação dos fotógrafos e das empresas de filmagens que por ali passavam, buscando o melhor ângulo para suas tarefas. E o botão, vulnerável, estava ali, à mercê dos seus passos.

Tanto é que o primeiro profissional passou raspando pelo botão, momento em que meu pescoço fez o movimento defensivo necessário, como que anunciando a presença do botão indefeso, alvo fácil de qualquer pisada.

De tanta agitação, suspeitei que meus vizinhos de cadeira percebessem minha inquietação, apesar de quase não movimentar o corpo. Mas o olhar – circulando apressadamente para todos os lados levando a bordo as formas interrogativas e exclamativas – revelou que algo estranho estava acontecendo naquela primeira fileira da solenidade.

O que fazer? Era a pergunta que eu me fazia. Algo tinha que ser feito. De tanto olhar para o botão achei até que poderia trazê-lo de volta, lançando uma *vis acrrativa* que nunca tive, mas que, naquela oportunidade, pudesse se manifestar.

Cheguei a pensar – de tantas alternativas que habitavam minha mente – insinuar uma queda da cadeira, esticando ao máximo o braço direito para resgatar o botão. Em vão, conclui na sequência, chamaria mais a atenção com a queda da ca-

deira, pois estava na primeira fileira, com amplo espaço à minha frente, e, com certeza, o resgate seria chamado. Não para o botão, é óbvio, mas para mim.

E o botão ali permanecia e se exibia com maestria identificando sua borda caramelo. Se alguém nele pisasse, iria esfarelá-lo e eu ficaria com a camisa linda, com a casa vazia do moderador e certamente não encontraria outro igual para substituir.

A solenidade corria solta, com vários discursos seguidos de aplausos e eu, pensando com meus botões, procurava uma estratégia que fosse adequada para capturar um único botão fugidio.

Mesmo neste clima cercado de tanta ansiedade, bateu-me a ideia que partiu do mais recôndito pensamento: vou mirar com muita acuidade o botão – calculando milimetricamente o peso e a velocidade do celular para arremessá-lo bem próximo dele. Seria um inteligente meio para aproximar o aparelho do botão.

Para tanto comecei a ensaiar algumas manobras com o celular – até mesmo chamando a atenção dos vizinhos de cadeira – para que pudessem acompanhar o involuntário arremesso do aparelho e creditarem ao infortúnio as manobras perigosas.

Plano perfeito. Assim foi feito. O celular, como um míssil programado, saiu em busca do alvo e, por incrível que pareça, veio a atingi-lo em cheio. Em seguida, dentro do mesmo roteiro, joguei-me ao chão e neste ato, com uma mão, capturei o botão e com a outra, o celular.

Resgate incrível. Os vizinhos de cadeira mal tiveram tempo para perguntar a respeito de eventual dano no celular. Simulei uma operação com o WhatsApp e confirmei que estava tudo certo. Mal sabiam eles que na mão esquerda, bem encolhido e protegido, estava alojado o botão, destinatário da audaciosa missão.

Agora resta entronizar o botão em sua casa.





Crônica

A poeira da minha rua

Jocelino Soares

Cadeira nº 12



No dia 24 de janeiro de 2023, domingo, o *Diário da Região* publicou um caderno especial com o título: *Expansão meteórica*, assinada pelos jornalistas Allan de Abreu e Vivian Lima. Um belo caderno que guardei na minha coleção.

O caderno especial enfoca os últimos 50 anos de vida da nossa cidade. Compara fotos do mesmo ângulo e mostra a grande expansão ocorrida

nestas cinco décadas. Nossa cidade se agigantou, transformando-se numa grande metrópole, onde as oportunidades são inúmeras. Confesso que senti um grande orgulho de morar na cidade que adotei também há cinquenta anos.

Um dia antes da publicação, recebo via correio, uma carta muito simpática de um leitor aqui deste espaço, do Sr. Miguel Renda funcio-





nário público aposentado e morando no mesmo lugar há oitenta anos.

Em sua carta ele nos conta que seu pai, Braz Renda e sua mãe, Vicenza Bianco Renda compraram um terreno na Rua Coronel Spínola Castro com a Rua Silva Jardim, em 1909 e construíram ali a casa onde nasceram os filhos Angelina, que morreu aos 90 anos; Luís, com 88 anos e o caçula Miguel aos 81 anos.

Segundo nos relata, seu pai montou uma oficina e folharia onde fabricava regadores, torradores de café, latões de lixo e o famoso chuveiro Tiradentes. Aliás, não só as casas dos moradores da roça tinham o chuveiro como também os moradores das periferias das cidades aonde a água encanada não chegava. Fazia-se economia de água sem querer, explico: no tal chuveiro cabiam 20 litros, o banho tinha que ser calculado para a água não acabar antes, senão a pessoa ficava ensaboada embaixo do chuveiro, sem água.

A oficina do senhor Renda era conhecida em toda a região pela fabricação de alambiques para a fabricação de aguardentes. Os fazendeiros compravam os equipamentos para a própria fabricação da boa e velha cachaça.

A Rua Coronel Spínola Castro, que na época chamava-se Rua do Comércio como o próprio nome dizia, era uma rua de muitos estabelecimentos e muito movimentada. Só conheceu calçamento de paralelepípedos nos anos quarenta na administração do Prefeito Cenobelino de Barros Serra. Antes, a rua era de terra batida; quando fazia sol, era um poeirão medonho, quando chovia, os carros de bois e carroças ficavam atoladas no lamaçal.

Em frente da casa do “seu” Miguel, onde por muitos anos foi o Super Mercado Brasilusa, morava a Dona Filomena. A casa era cercada por um imenso pomar onde o cheiro da fruta fresca se fazia presente. Enormes pés de jabuticabas que, quando na florada, seus galhos vestiam-se de pequenas flores brancas e seu perfume alcançava

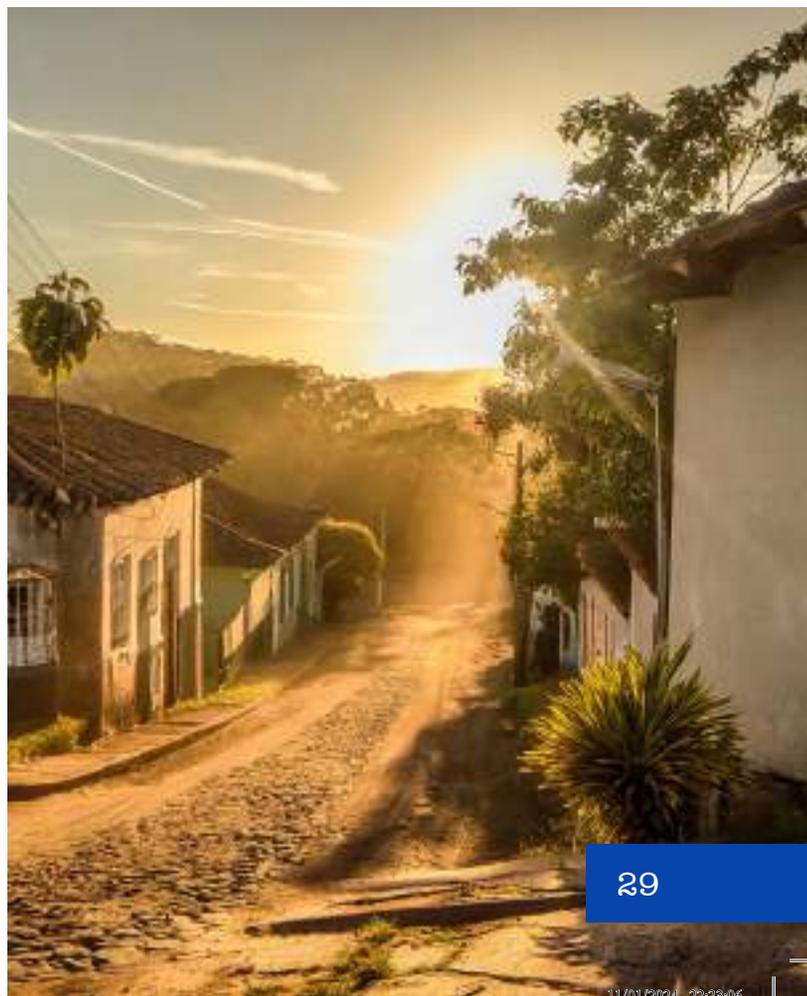
vários quarteirões. Na porta da sala junto à rua, havia um pé de jambolão onde todas as tardes, depois de vir da escola, ele e seus coleguinhas brincavam, esquecidos da vida.

Nas águas do Córrego Borá se banhavam e pescavam de peneiras e vez ou outra pegavam na peneira os “picuíras”, que eram engolidos vivos para aprender a nadar.

No passado, a cidade terminava na Rua Independência entre chácaras e pequenos sítios. Hoje, a casa do “seu” Miguel está cercada de grandes arranha-céus em pleno centro de Rio Preto.

Nesta semana, fui tomar um cafezinho com os irmãos, seu Miguel se emociona ao recordar os tempos idos. Conta das dificuldades de ontem e as facilidades de hoje, do progresso da nossa cidade que o encanta. Dos belos prédios comerciais, do calçadão e dos habitantes. Uma coisa apenas o entristece: a violência.

Mas, ao olhar para trás, sente um fiozinho de saudade da poeira da sua rua quando passavam as boiadas.





Crônica

O cantor sem voz

Toufic Anbar Neto

Cadeira nº 41

Daquilo que Ele me deu, não tenho muito do que me queixar. Mas se tivesse escolha, se existisse aquele questionário para marcar um xis sobre suas preferências, eu assinalaria no quadradinho da “voz”. Adoro música. Escuto música o tempo todo. Gosto muito de cantar. Acho legal animar uma plateia. Esse é o problema. Voz anasalada, fraca, sem ritmo, sem o tempo da música, sem fôlego. Considero-me afinado. De tanto ouvir música. Mas até aí, não quer dizer nada. Tem quem ache que até o Dunga, capitão do tetra, de tanto entrar em campo, aprendeu a jogar bola. Discutível. Jogar bastante não significa saber jogar. Pode ser mais uma questão de empresários e oportunidades do que talento.

Neste suposto questionário, ao assinalar um xis na voz, abririam novos campos para você escolher o tipo de voz, e adicional, algumas características de seu dono.

Não escolheria a voz fraquinha, pequeninha, monotonazinha e sensívelzinha do João Gilberto. Era uma virtuose no violão, mas já pensou surtar, parar de cantar e encerrar o show por causa do barulho do ar condicionado? Eu sei que o ambiente frio afeta a voz. Mas neste calor insuportável? Eu passo.

Nem a do irregular, escrachado, brigão e inquieto Tim Maia. Esse tinha voz. Tinha suingue. Talvez tenha sido o maior de todos os tempos da MPB. Mas não aguentaria consumir tudo o que ele mandava para dentro antes das apresentações. Pelos mesmos motivos, não pegaria a voz de trovoadas do Nelson Ned, um dos artistas

mais injustiçados da história da música brasileira. Fez mais sucesso na América Latina do que aqui. Poucos sabem, mas foi o primeiro cantor latino a vender um milhão de discos nos Estados Unidos. Cantava para multidões no mundo inteiro. No Brasil, para algumas dezenas e centenas. Infelizmente, mergulhou na rotina das bebidas e dos entorpecentes. Ambos eu excluiria por conta dos aditivos.

Por falar nisso, não escolheria ninguém que tentou cantar em espanhol. Brasileiro cantando em espanhol é um desastre. A nossa arrogância idiomática nos leva a acreditar que o “portunhol” é suficiente para enganar a plateia. O pior disco que já ouvi na minha vida foi de uma cantora brasileira tentando fazer isso. Insuportável. Doía o ouvido.

Do Vinicius de Moraes, pegaria só o hábito de contar a história de cada música. Não conseguiria casar nove vezes nem beber o tanto que ele bebeu. Matava uma garrafa de uísque por show. Uma curiosidade é que ele, embora satisfeito pelo sucesso como cantor e compositor, tinha uma certa frustração por não ser reconhecido o suficiente como poeta. Como não tenho habilidade para compor versos, desse mal eu não padeceria.

Passaria reto da voz depressiva do policial Nelson Cavaquinho. Compôs mais de 400 músicas. Após perder o emprego na polícia, começou a vender músicas, por vezes sem o parceiro da composição saber, motivo pelo qual perdeu a amizade de Cartola, outro gênio de voz fraca.





Ainda dentre os sambistas, abriria mão da voz de cigarro do Adoniran Barbosa, ou do breque do Bezerra da Silva.

Embora os gêneros musicais caipiras e sertanejo não sejam da minha preferência, balançaria com as vozes do Xororó, do Ralf ou do José Rico. Inigualáveis. Atingiram notas agudas difíceis de se reproduzir. Teria que ouvi-los cantando músicas de outros gêneros para me decidir.

Eu ficaria em dúvida com os vozeirões da MPB. São muitos. A maior parte deles ficaria prejudicada na minha avaliação pela qualidade das gravações da época em que viveram. Teria como principais opções o advogado Mário Reis, o “Bacharel do Samba” e seu par Francisco Alves, o “Rei da Voz”; o ex-morador de Catanduva, Silvio Caldas, o “Caboclinho Querido”; o “Rei do Baião”, Luiz Gonzaga, Carlos Galhardo (o preferido da Dona Leonilda, minha sogra), o sapateiro Vicente Celestino, que por conta de sua obra mais famosa, “O ébrio”, muitos pensavam que ele era médico. Entram na briga ainda Orlando Silva, “o Cantor das Multidões”; Cyro Monteiro que, segundo Vinicius de Moraes, era o maior cantor brasileiro de todos os tempos e o professor de matemática Tito Madi.

Dos que pude ouvir enquanto estavam vivos, ficaria tentado pelas vozes do lendário Cauby Peixoto, dos dois Agnaldos, o Timóteo (o preferido da minha mãe, Leila) e o Rayol. Mas o meu preferido era o boxeador Néelson Gonçalves.

Teria problemas em me decidir pela classe e versatilidade do Emílio Santiago, talvez o maior intérprete da MPB ou dos ex-crooners de baile como o Jessé ou Milton Nascimento.

Voltando à realidade: eu não daria certo como cantor. A voz não ajuda. Meu repertório é das antigas. Se trabalhasse num barzinho não animaria ninguém. Todo mundo se entediaria e não consumiria nada. Espantaria fregueses. Sem dúvida nenhuma, Ele sabe o que faz.



Crônica

Cacos do caos

Cleber Junio Falquete

Cadeira n° 13

A teu lado apodrece o homem
Enquanto um menino balança
O calafrio da sombra.

Hugo Mund Junior, in Limiar da Queimadura

Vozes. Vozes. Vozes.

Elas me acordam. Aliás, não me deixam dormir. Nunca me deixaram, meu Deus, há tantos anos. Mas sempre tive paciência com elas, eu sempre soube aguardar o momento em que elas aquietassem. No começo, muitas vezes, devido à minha inexperiência frente a seus rompantes enérgicos, eu esbravejei, cuspi, blasfemei, saltei, quebrei móveis, atravessei o mar. Estranhamente, nada disso adiantava. Elas riam, desnudas, de meus apelos e permaneciam pesadas, a me sufocarem.

Nunca as/os identifiquei, e elas/eles, como se fosse um acordo tácito, assinado com sangue em meio à nebulosidade de pensamentos viris, nunca me condenaram, nem me expuseram. Apenas me perdoaram. Exigiam que eu as/os escutasse, que tivesse obediência marcial e, principalmente, paciência monástica. A vindoura hora apocalíptica chegaria, martelavam-me.

A cabeça dói, sempre doeu. Meu cérebro consume-se em ardência infernal todas as vezes que as vozes o penetram, é como se abrissem velhas chagas com lanças de pontas envenenadas.

Levanto-me com o peso cáustico de todas as gerações passadas, como se unissem às minhas costas todos os mortos, incorporando-os um por um. Abro a janela e o sol invade o quarto, despejando as cinzas matinais.

Sinto uma indecisão, um arrepio vergonhoso por uma certa possibilidade de emboscada predatória. Sinto-me como um inseto buliçoso, que mesmo preso numa teia inquebrável de artimanhas surpreendentes, debate-se incansavelmente para escapar da aranha negra do destino.

Lá fora, algumas vizinhas já varrem os quintais, mas não os seus problemas e outras estendem roupas e penduram sonhos nos varais, lá nos fundos de si mesmas.

Espreguiço-me. A água de véspera na bacia está bem fria, é preciso coragem. Lavo-me com os olhos fixos em mim, inertes naquele caco de espelho. O reflexo é parcial, desbotado, desabitado, desumano, mas não é distorcido.

Não tenho fome. Desde ontem não como nada. Só vomito bílis. Fiquei ansioso demais para ter fome depois que me disseram que hoje seria um dia especial.

Visto-me e me apronto. Estou mesmo pronto? Mas nada de pressa. O dia é longo ainda, tem o seu tempo medido, o seu destino escrito no grande livro de pó. Porém, devo sair cedo, sem hesitar em acompanhar a debandada dos corvos, pois o sacrifício assim exige.

A rua me recebe de braços abertos e, apesar do frio cortante, eu agradeço pelo ar de terra seca da estiagem. E me lembro das muitas orações fervorosas de minha mãe, ao pé de um





oratório, durante horas, com os joelhos em sangue, as mãos inúteis unidas, a implorar diante de estátuas mórbidas e do pranto morno das velas. Isso sempre acontecia depois que ela se retirava em silêncio, pendengando consigo mesma, com os olhos vidrados, vendados, e me deixava sozinho, deitado na cama, nu e desamparado, triste e excitado.

Encaro o sol, que me cega, castigo pela minha ousadia. Eu tinha me esquecido de que não se levanta os olhos para um deus: *Akhnoton, Ra, Apolo, Helios, Inti, Utu, Shamash, Surya*. Na sua eterna sina, ilumina e tenta aquecer a cidade, que a esta hora, tão cedo, desperta sem ter-se deitada nos campos de Morfeu.

O vento se impõe rápido, pois é o senhor do ar. Ele açoita, com lufadas cortantes e impiedosas, os rostos desfigurados em que esbarra. Rostos esses, cujas expressões soam inaudíveis, infinitesimais diante dos mais ínfimos momentos tardios. Mas o fluxo é contínuo. As pessoas vivem o seu momento de fênix.

Os sons miscigenam-se, formando uma sinfonia desigual, imprópria, mas de natureza harmônica. O quadro sem moldura estampa uma originalidade impávida, de confusas formas excêntricas, quase abstratas em sua essência. Mas, é também algo intimamente familiar, como uma lembrança

boa da infância, perdida e estanke num esquife branco, sendo carregada pelo escuro túnel alagado da memória. Pense numa paisagem bucólica e rural de John Constablesur realizada em matizes vaporizados por Franz Marc e entenderá.

É preciso enxergar, ver e acreditar. Mas como? Captar o simples, como o tudo, como o nada, em todo e nenhum lugar. Sempre escutei essa besteira, não precisam ficar repetindo.

Minha pele se eriça toda, mas só ela sente frio. Eu não, eu tenho febre, minha alma está febril, sem pulso, sem paixão. É uma doente feculenta, uma entidade em ruínas.

À minha frente trafegam dezenas de pessoas, caladas, ásperas, com seus grossos casacos, abrigando-se do frio dessa manhã invernal. Seus olhares bravios não furam o bloqueio do presente, ignoram o círculo que as fecha, o calor ao seu redor, acreditando que por agirem assim, mais tarde poderão pleitear o descanso com sucesso. Mas são incapazes de ver o horizonte distante, porque olham sem saber nem ao menos o que esperam ver. Não são cegos, mas agem como se fossem. Baforam seus hálitos e desejos quentes, que se esvaem como fumaça de chaleira em meio à escalada da poluição, aguardando o momento certo de atravessar a rua. O sinal, e apenas ele, lhes dirá quando.





A visão é ultrajante, decadente, indecente. Essa merda toda enoja até os cachorros, que por sinal já andam mijando fora dos postes.

Nas calçadas, mendigos, indigentes, ralés, escórias estatísticas, mais que pobres e menos que gente, acordam, sem saberem, por instantes, se o sonho é real, mas logo percebem que é real o pesadelo. A fome também desperta, faminta, como uma besta feroz a ser decapitada, para não devorar.

Acima deles, prédios colossais, imponentes, verdadeiros Leviatãs. Nas janelas, homens e mulheres, senhores e senhoras, encenam o desprezível espetáculo faustoso do luxo, num ambiente regado a ares libidinosos. Hipocrisias estampam-se naqueles rostos maquiados, com propósitos egoístas, narcisistas. A ordem é gozar para cima e fingir não sentir o que há embaixo.

Calados! Calados! Calem-se, malditos! Calem-se, me deixem em paz, não aguento mais, não agüento mais... Não, não mais, não dá. Não sei se é a hora, mas vai ser agora.

Rápido, num instante quase imperceptível, saco duas pistolas automáticas. Suas bocas fervem à la Tarantino. Muitos à minha frente tombam, sem vida. Gritos, correrias e desespero mesclam-se ao cheiro vermelho e pecaminoso do sangue no chão, que se espalha e contorciona-se, como uma criatura viva em agonia.

Um garoto em idade escolar me olha atônito, sem entender quem sou, o que fiz e o que vou fazer. Sua pesada mochila ajuda a pender o corpo frágil para trás. Foi certo na cabeça.

Do outro lado da calçada, uma espécie de executivo tenta fugir. Chego a sentir o cheiro iodado do seu pavor. Tenso, em busca de proteção, encosta-se a um muro, me fornecendo o peito aberto, seu coração numa bandeja. A queda é lenta, como se seu corpo fosse forçado a isso, contra a sua vontade. Mesmo morto, a mão tão bem asseada não larga a maleta que carrega. É mesmo um desgraçado.

Mais adiante, na faixa de pedestres, um casal de velhinhos, com sacolas de compras, não consegue correr. Ou talvez, não queira, não compreendo bem. Já viveram, sentiram e sofreram demais. Seus olhos doces e dormentes não mentem, apenas imploram dois tiros. Isso me encoraja mais.

Um motoboy, sem saber o que acontece, numa dessas brincadeiras de mau gosto do destino, para deleite das deidades que habitam o abismo, cruza a esquina e entra na minha mira. Alvejo-o à queima roupa, tão perto que seu sangue me agarra. Ele cai com o impacto, a bala rasgando o seu ventre como um verme alienígena. Dou mais um tiro, para silenciar o estrebuchar frenético da carne.

O local, a essa altura, está quase deserto. Somente cadáveres, escoando sangue viscoso pelo concreto, preenchem essa paisagem insólita e cruel.

Sinto-me de certa maneira satisfeito. Até mais leve. O silêncio sepulcral significa aprovação, respeito e conquista. Eu enfim me liberto dos grilhões psicológicos que por tanto tempo me ofenderam, me escravizaram. A inércia que experimento é uma sensação gostosa, libertária. Não sei se, afinal, foi tudo muito apressado, gratuito. Minha cabeça ainda dói, apesar. Não tenho muita certeza pra que lado irei agora. Tudo numa vida tem uma hora, às vezes não mais que um segundo.

Ouçõ sirenes e também sereias, que me atraem, para águas longínquas, cristalinas e puras, onde me lavarei e beberei até saciar minha sede. Lá, não me encontrarão, mesmo que procurem.

Porém, antes de me tornar um efêmero ícone midiático, nos proféticos quinze minutos de Andy Warhol, atiro nos vidros das janelas. Ao som agudo do estilhaçar, cacos, quase flutuando, caem suaves e perigosamente ao chão. Suas bordas, finas e cortantes, desafiam qualquer um que quiser tocá-los.

Afinal, é só o que irão recolher.





Crônica

Pai, começa o começo!

Elma Eneida Bassan Mendes

Cadeira 11

Por um desses fenômenos de multiplicação de comunicação, uma crônica que escrevi em dezembro de 1996, se espalhou pela Internet e também em diversas nas redes sociais. O texto, que agradou a milhares de pessoas, viajou por tantos lugares, olhares, mentes e almas, sem a minha assinatura. E isso, de coração, nunca me incomodou. Sempre fiquei muito feliz por a mensagem ter alcançado a vida das pessoas, com verdade e singeleza. Hoje, tenho o privilégio de reapresentá-la nesse espaço tão nobre e importante para mim, agradecendo o prestígio da leitura e da companhia de todos vocês durante este ano, que foi de lascar. Mas, 2024 será melhor! Temos um Pai que não falha.

Eis a crônica:

“Quando eu era criança e pegava uma tangerina para descascar, corria para meu pai e pedia: – “pai, começa o começo!”

O que eu queria era que ele fizesse o primeiro rasgo na casca, o mais difícil e resistente para as minhas pequenas mãos. Depois, sorridente, ele sempre acabava descascando toda a fruta para mim. Mas, outras vezes, eu mesma tirava o restante da casca, a partir daquele primeiro rasgo providencial que ele havia feito.

Meu pai faleceu há muito tempo – e há anos, muitos, aliás – não sou mais criança. Mesmo assim, sinto grande desejo de tê-lo ainda ao meu lado para, pelo menos, “começar o começo” de tantas cascas duras que encontro pelo caminho. Hoje, minhas “tangerinas” são outras. Pre-

ciso “descascar” as dificuldades do trabalho, os obstáculos dos relacionamentos com amigos, os problemas no núcleo familiar, o esforço diário que é a construção do casamento, os retoques e pinceladas de sabedoria na imensa arte de viabilizar filhos realizados e felizes, ou então, o enfrentamento sempre tão difícil de doenças, perdas, traumas, separações, morte, dificuldades financeiras e, até mesmo, as dúvidas e conflitos que nos afligem diante de decisões e desafios.

Em certas ocasiões, minhas tangerinas transformam-se em enormes abacaxis...

Lembro-me, então, que a segurança de ser atendida pelo papai quando lhe pedia para “começar o começo” era o que me dava a certeza que conseguiria chegar até ao último pedacinho da casca e saborear a fruta. O carinho e a atenção que eu recebia de meu pai me levaram a pedir ajuda a Deus, meu Pai do Céu, que nunca morre e sempre está ao meu lado. Meu pai terreno me ensinou que Deus, o Pai do Céu, é eterno e que Seu amor é a garantia das nossas vitórias.

Quando a vida parecer muito grossa e difícil, como a casca de uma tangerina para as mãos frágeis de uma criança, lembre-se de pedir a Deus: “Pai começa o começo!”. Ele não só “começará o começo”, mas resolverá toda a situação para você.

Não sei que tipo de dificuldade eu e você encontraremos pela frente neste novo ano. Sei apenas que vou me garantir no Amor Eterno de Deus para pedir, sempre que for preciso: “Pai começa o começo!”





Artigo

Como aprendi a escrever

Rosalie Gallo y Sanches
(Presidente de Honra)
Cadeira nº 29

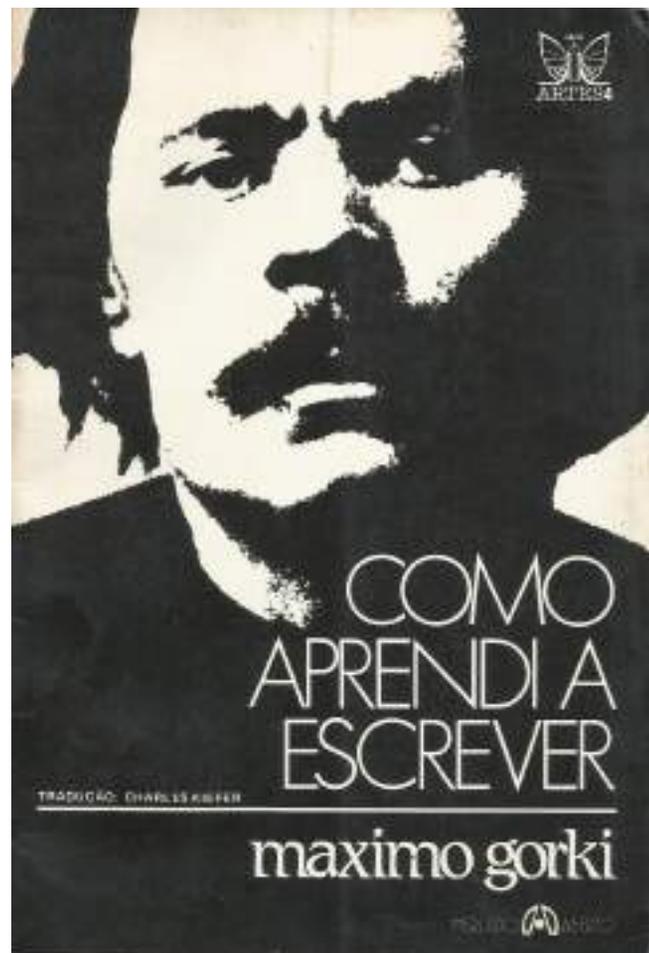
Muitos são os autores que se inspiraram na comemoração de Natal para escreverem textos brilhantes e eternos. A mesma tendência se estendeu a todas as Artes, desde a mais popular, como o artesanato, até as pinturas, esculturas e confecções decorativas em tecido Gobelin, apreciado desde o início do século XV. Também inspirada pela época natalícia e pela vívida recordação de um conto magistral intitulado *O sonho de uma noite de Natal*, vemo-nos na necessidade de tratar da figura emblemática do russo Máximo Gorki (28/02/1868 – 18/06/1936), pseudônimo de Alexei Maximovitch Peshkov.

Personalidade singular, ativista político, escritor de textos em prosa e de várias peças teatrais, Gorki também se ocupou da tarefa de desvendar seu ofício da teoria da escrita, como se pode constatar no opúsculo *Como aprendi a escrever*¹.

Nesta pequena grande obra Arnaldo Campos introduz o autor descrevendo sua biografia para ilustrar o sofrimento e a miséria a que foi submetido para que se entenda a formação de seu caráter e sua trajetória.

Não se satisfazendo de deixá-lo órfão de pai desde muito cedo, a desventura tirou-lhe também a mãe antes dos doze anos, obrigando-o aos cuidados do avô. Este, porém, apenas terminado o sepultamento da filha, chamou o neto órfão e ordenou que saísse em busca do pão que pretendesse comer. Dessa maneira, infância

tolhida e jogado à mercê das agruras das ruas, entre a multidão dos oprimidos da Rússia de então, começa a buscar sua sobrevivência como menino de recados de um negociante de sapatos. Pouco tempo depois consegue emprego na cozinha de um navio, onde conhece o cozinheiro Michail Smoureff que o influencia a gostar de leitura. No emprego seguinte, como auxiliar do farmacêutico Goldberg, com frequência é pego escondido, pela mulher do patrão, que o surra



¹ *Como aprendi a escrever*. Gorki, Maximo. Tradução de Charles Kiefer. Porto Alegre, Mercado Aberto. 1984. Série Artes4.





por ler Alexandre Dumas e outros grandes autores encontrados na biblioteca do farmacêutico. As frequentes surras e a violência impostas, crescentes, o levam ao hospital onde a mulher é obrigada a confessar e se comprometer a não mais incidir nas agressões para que ele não presste queixa policial.

Foi este o estopim que o levou a abandonar a cidade natal de Nijni-Novgorod e ir para Kazan para onde as provas o acompanham. Lá, porém, conhece o padeiro Semenov que o introduz no estudo da Filosofia e da Política. É neste período que toma consciência da distância entre si e a elite escolar que o ignora. Não consegue ser admitido na Faculdade e, em total desespero pela fome de cultura, dispara um tiro no peito. O gesto desastroso não é fatal, mas o deixa debilitado, favorecendo-lhe a contração de tuberculose.

Inicia-se, assim, sua carreira literária: contando coisas vividas, aceitando conselho de Vladimir Korolenko o que resulta em ser aceito em jornais e revistas da época. Passa então a viajar pelo país, convivendo com todos os tipos de gente e de todos os lugares onde estivesse, enviava seus textos aos editores.

Casa-se, finalmente. A sorte lhe sorria. Teve dois filhos. Um deles, como o Gorki pai, morre de pneumonia. Ambos muito jovens.

Neste ambiente de crueldade social, adquiriu a perspicácia de descortinar o caráter humano criando personagens de profunda complexidade. Quem não se lembra de *Os pequenos Burgueses*? Não encenada no Brasil, a peça *Ex Homens* ultrapassa não só os limites geográficos da Rússia como o limite da tolerância do Czar que já o mantinha sob vigilância.

Nem o fracasso da rebelião operária de 1905 nem a doença o demovem dos objetivos e dedica-se à sua maior tarefa: tornar a literatura um bem ao alcance de todos pela educação do povo no plano social e literário. Por acreditar na força construtora da literatura, chega a criar, em Capri

(Itália) uma escola para imigrantes. Anos mais tarde, em seu segundo exílio, volta para a Itália, agora para Sorrento, de onde continua a orientar todos quantos o procuram.

No livro que nos impulsionou a escrever o presente artigo, Gorki elabora uma grandiosa teoria literária sobre o aprendizado ficcional como a construção da personagem, o uso adequado do conhecimento, o emprego da imaginação e o papel do leitor, sem o qual o escritor não sobrevive.

Terminamos este artigo com duas citações e uma indicação de leitura. A primeira citação diz respeito a conceitos de duas correntes literárias, conforme segue:

“As tendências básicas da literatura são o romantismo e o realismo. A representação real, não adornada, do povo e de suas condições de vida se denomina realismo. Quanto ao romantismo, foram dadas muitas definições, porém, não existe ainda uma fórmula correta e completamente satisfatória que seja aceita por todos os historiadores da literatura. Na escola romântica devemos distinguir duas tendências totalmente divergentes: o romantismo passivo, que, ou bem trata de reconciliar o povo com a realidade, colorindo esta última, ou bem intenta separá-lo da realidade e tentá-lo com estéreis preocupações sobre seu próprio mundo interior, com pensamentos sobre o “fatal enigma da vida”, sobre o amor e a morte, sobre problemas que não podem ser resolvidos pela especulação e contemplação, senão somente pela investigação científica; o romantismo ativo, o qual, por sua vez, trata de fortalecer o desejo de viver do homem, de levá-lo à rebelião contra a realidade e sua tirania”. (p.16)

A segunda citação retrata a tarefa do escritor, como segue:





“O escritor é o arauto emocional de seu país e de sua classe: é seu ouvido, seus olhos e seu coração; é a voz de sua época. Deve saber tanto quanto seja possível, e quanto melhor conheça o passado melhor entenderá seu próprio tempo...” (p. 33)

Nossa indicação é que leiam o conto aqui mencionado. Nele encontrarão a delicadeza e a profundidade da escrita de Gorki; poderão entrever a beleza perpassando pela miséria e pelas dores e poderão, por fim, reforçar em cada coração e como era a forma de Gorki escrever, a ideia de que

o escritor deve ser lúcido e responsável por aquilo que cria, posto que gera consequências irreparáveis no leitor. Detenham-se na observação da escolha das palavras bem traduzidas que Gorki usa para trabalhar os elementos da narrativa e compor tempo, espaço, ambiente, enredo e personagens. É possível encontrar este texto facilmente na internet. Desejamos, por fim que, além de encontrá-lo e de lê-lo, encontrem a si mesmos, humildemente como bons escritores de coisas vividas.

Em tempo: “gorki”, em russo, significa mendigo, pobretão. Não a caso o escritor ter adotado tal pseudônimo.





Artigo

Julian Tuwim: um poeta judeu no Brasil

Patrícia Reis Buzzini

Cadeira nº 02

O recente ataque a Israel, ocorrido em 7 de outubro de 2023, está sendo considerado o dia mais trágico para os judeus desde o fim do Holocausto. Além disso, sabe-se que os conflitos na faixa de Gaza e o clima de tensão entre israelenses e palestinos – em geral, pertencentes ao grupo extremista islâmico Hamas – têm contribuído para o aumento nos casos de xenofobia contra árabes e judeus em todo o mundo. Infelizmente, muitas vidas inocentes estão sendo perdidas, de ambos os lados. Em face desse contexto lastimável de guerra, optei por compartilhar um recorte da minha pesquisa junto ao projeto Travessias – Enciclopédia de Artes, Literatura e Ciências: o legado dos refugiados do nazifascismo, do Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação (LEER-USP). Idealizado pela Profa. Dra. Maria Luiza Tucci Carneiro, o projeto tem como objetivo principal identificar e promover o legado dos artistas, intelectuais e cientistas (judeus e não-judeus) que, fugindo das violências praticadas na Europa, encontraram refúgio no Brasil a partir de 1933. Travessias também terá uma plataforma digital educacional que favoreça a pesquisa e o ensino à distância com recursos audiovisuais, além de uma versão impressa a ser publicada pela Editora da Universidade de São Paulo. A convite do professor e pesquisador João Paulo Vani, dediquei-me a investigar a história do poeta judeu Julian Tuwim e sua breve passagem pelo Brasil.

Vida e obra

Julian Tuwim nasceu em Łódz, na Polônia,

em 13 de setembro de 1894, em uma família de origem judaica. Formou-se no Ginásio Municipal para Homens, onde escreveu seus primeiros poemas. Na chamada “Manchester Polonesa”, familiarizou-se com o cabaré e o colorido folclore suburbano. Estudou direito e filosofia na Universidade de Varsóvia, publicando seus poemas nas páginas da revista estudantil “Pro arte et studio”.

Em 1918, cofundou o cabaré literário chamado “Picador” e, um ano mais tarde, tornou-se cofundador e principal representante do grupo de poesia experimental “Skamander”, ao qual também pertenciam Antoni Słonimski, Jarosław Iwaszkiewicz, Kazimierz Wierzyński e Jan Lechoń. Em 1919, casou-se com Stefania Tuwimowa, a quem dedicou uma série de poemas de amor.

Tuwim foi o primeiro poeta polonês a trazer, para a poesia, a linguagem informal, temas do cotidiano e um novo herói lírico: o morador da cidade grande. Para muitos críticos da época, Tuwim era reconhecido como um virtuoso mestre da manipulação de palavras e imagens. Ele criou sua própria filosofia poética da linguagem e da origem das palavras, que descreveu como o resultado de uma “alquimia poética”. Seus poemas sobre outono, primavera, amor, solidão, tristeza e alegria de viver ainda atraem as novas gerações de leitores.

Entre os anos 1919 e 1932, foi responsável pela gestão de vários cabarés artísticos de Varsóvia, dedicando-se a escrever letras de música, roteiros de cabaré, histórias satíricas, provérbios e artigos de jornal. Inesquecíveis são os seus poemas para crianças.



Publicou sete antologias de poesia lírica, no período de 1918 a 1936. Inicialmente, seus poemas caracterizavam-se por uma expressão de vitalidade e otimismo, de louvor à vida urbana. Contudo, em publicações posteriores, Tuwim começa a focar o vazio da vida nas cidades.

Tuwim também escreveu obras satíricas e poemas infantis, como a *Lokomotywa* (A Locomotiva, 1938/1940), traduzido para muitas línguas. “O Baile na Ópera” (1936) é considerado o seu melhor poema satírico.

Em 1949, Tuwim recebeu o prêmio literário da cidade de Lódz, e em 1951 - o Prêmio de Estado. Trabalhou como diretor artístico no Teatro Musical polonês e depois como gerente literário do Novo Teatro de Varsóvia. Dedicou-se também ao trabalho editorial, traduzindo poemas de Lermontov, Maiakovski, Blok, Pasternak e outros poetas russos. Morreu repentinamente em 27 de dezembro de 1953, em Zakopane, e foi enterrado no Cemitério Militar de Varsóvia.

Tempos de ruptura

Embora fosse um dos mais importantes escritores poloneses, Tuwim tinha muitos inimigos. Os crescentes círculos antisemitas o perseguiram por causa da origem judaica de sua família. Curiosamente, o poeta também foi repreendido pelos judeus poloneses por causa de sua assimilação à nação e à sociedade polonesa.

Em 1939, no início da Segunda Guerra Mundial e na ocupação alemã da Polônia, Tuwim emigrou, pela Romênia, primeiro para a França e, após a capitulação da França, para o Brasil, por meio de Portugal, até estabelecer-se nos EUA, em 1942. No Brasil, em 1940, Tuwim começou a trabalhar em um poema lírico-épico chamado “Flores polonesas”. Depois de deixar o Brasil, em 1942, rumo aos Estados Unidos, publicou trechos desse poema no semanário *Notícias Polonesas*.

Um ano depois do Levante do Gueto de Varsóvia, em 1944, Tuwim publicou, em Tel Aviv, o

manifesto “Nós, os judeus poloneses”, onde, de forma emotiva e comovente, escreveu sobre o seu sentimento de fraternidade com o povo judeu, ressaltando que isso não se devia somente ao fato de pertencer a este povo, mas também ao sentimento de solidariedade com o seu sofrimento e morte. O texto do manifesto foi traduzido para muitas línguas.

Após a suspensão das hostilidades na Europa, Tuwim retorna à Polônia. Em 1946, estabeleceu-se em Varsóvia, tornou-se o diretor artístico do Teatro Nowy (1947-1950) e preparou reimpressões de “Flores Polonesas” e da antologia “Polska novella fantastic” (1949). Sabe-se também que o poeta manteve boas relações com os membros da emigração russa, ajudando e apoiando emigrantes que eram forçados a esconder seu passado.

O Brasil como opção

O episódio biográfico de Tuwim no Rio de Janeiro foi breve, encerrando-se entre as datas de cinco de agosto de 1940 e sete de maio de 1941. A vida cotidiana e a vida cultural dos exilados poloneses traziam marcas de coisa provisória, e a estada momentânea não prenunciava enraizamento na cidade estrangeira. Perdido na América do Sul, o poeta preferiu persuadir-se de que não encontraria no Rio estímulos para a imaginação e a invenção. Como é sabido, o texto de “Flores polonesas” cresceu, desenvolveu-se, porém jamais atingiu seu derradeiro ponto final. Vinda a lume em Varsóvia, em 1949, a obra permaneceu inacabada.

Poema digressivo extemporâneo, “Flores Polonesas” é permeado de informações autobiográficas. Começada no Rio de Janeiro, a obra põe em segundo plano o espaço cultural de sua própria gênese. Abre-se, todavia, para os territórios da memória: Lódz, a cidade da infância, a Varsóvia da idade adulta, e cada detalhe evocado tem o valor de um precioso achado arqueológico.





co. Na verdade, o vínculo de “Flores Polonesas” com o Rio só é explicitado em alguns trechos do poema. Observa-se que Tuwim baseou-se na nomenclatura botânica do português (“Flor de Ipê, Jasmim do Cabo, Maracujá) e também mencionou pelo nome alguns bairros cariocas (“De Copacabana, de Ipanema/ Da Tijuca, de Botafogo, do Leme/ Uma floricultura de palavras polone-

sas”). Por sua vez, as flores brasileiras não são apenas uma réplica exótica das flores nativas da Polônia, mas também o arremate da quimérica construção do poema. Sensível à musicalidade da língua portuguesa, o poeta saboreou cada palavra estrangeira enquanto as somava ao rico aparato verbal da língua materna. A seguir, compartilho um fragmento do poema supracitado:

Flores polonesas

(fragmento)

Tradução literal feita pela Legação da República da Polônia no Brasil, em 1943.

Dedico esse fragmento ao poeta brasileiro OLEGARIO MARIANO – com a minha gratidão pelo auxílio prestado ao exilado – e com amor à sua esplêndida Pátria.

Meu Poema! Estranha é a tua sorte...
Pois pensa: Rio de Janeiro
Foi a estufa de tuas flôres
E lá (- lembra-te das orquídeas,
Flor de Ipê, Jasmin de Cabo,
Maracujá e Flamboyant,
Árvores gigantes de seis andares,
Cobertas de flores sangrentas? -),
E lá, repito, tão pouco é preciso
Para que da terra, com a bênção de Deus,
Jorre tudo que podes sonhar
E mais ainda - - além dos sonhos:
Lá - que céu! Que terra...
De repente, como se fosse uma messe perfumada,
Que eu ceifasse profusamente
Em Copacabana, Ipanema,
Na Tijuca, Botafogo, Leme,
Uma florescência de palavras polonesas germinou
E foi se alastrando pelo Rio de Janeiro,
Berrante, colorida, como uma feira persa,
Como o carnaval carioca.
E - no meio dessa orgia de flores - o jardineiro, não “um floreiro”





Não “um jardineiro brasileiro”
Mas o nosso amigo, senhor Dziewierski.
Oh! Rio das cores! Oh! “Colorio”!
Rutilante cobra de mosaico
No grande arco da Avenida!
Oh! Rio! Ilhota da Atlântida
Por milagre salva, no globo,
E agarrando-se ao céu azul
Pelos braços das palmeiras, por cabos de cipó,
Por dentes de morros e rochedos abruptos!
Rio, dos beija-flores vibrantes
Atrás das janelas, num dia de Natal, como uma nuvem de asas!
Oh! Rio das noites estagnadas,
Das madrugadas de cobre fulgurante
Douradas ao alvor do sol!
Quem te inventou? Quem te gerou em delírio?
Talvez o oceano, com a encantação de suas vagas
Tenha feito pasmar as praias crédulas
Com a tua miragem, modelando na argila da terra
À maravilha que és! ...
Outros pretendem - e acreditarei -
Que o Criador, vagando,
Em passo ébrio, dançando te criou
Atirando pelo caminho palmeiras, rochedos,
Negros, calor e flores...
Bem dita farra!
Agradeço! - “muito obrigado”
Pelo Rio - e pelos versos do exílio.

*(O fragmento faz parte do acervo do
Arquivo de Registros Novos em Varsóvia.)*

Enfim, cabe-nos afirmar que a escapada de Tuwim para o Brasil foi valiosa, simplesmente, por ter libertado palavras poéticas polonesas. Para os fugitivos e testemunhas da história, a visão dessa cidade de morros e de baías, de céu azul e vista exuberante, deveria parecer irreal, demasiadamente distante. Acredita-se que a liberdade e os voos

da imaginação do poeta foram limitados pelos deveres do refugiado, pelas sentenças e desafortunadas reviravoltas do destino.

Referências bibliográficas

DREWNO, Agnieszka (org.). *Tuwim*. Varsóvia: Babel Studio, 2013.





Artigo

As lições de Renato Locchi

Isabel Pimenta Hernandes

Membro honorário

Certo senhor, versado em artes plásticas, afirmou-me, tempos atrás, que o sofrimento deixara de ser preocupação dos médicos, para passar a ser tema artístico. Nenhuma novidade, é claro, quanto à presença de tal tema na arte em geral; mas, a “revelação” de que o sofrimento e mesmo a dor dos pacientes já não afetavam os médicos não poderia deixar de causar-me espécie.

Poderia tentar medir, aqui, o grau de validade da tese do referido senhor, poderia, também, esforçar-me por detectar os fundamentos responsáveis pela provável falta de sensibilidade dos atuais profissionais de saúde, mostrando, por exemplo, mais uma vez – afinal, quem não sabe!? – o estado de penúria em que se encontra a saúde no Brasil, a rotina estressante e ingrata a que são submetidos, atualmente, os profissionais desta área e, também, a situação precária de muitas escolas de medicina, no que, aliás, não se diferenciam de outras escolas deste país!

Preferi, então, deixar de lado a tragédia e as críticas que pesam sobre a classe e prestar-lhe homenagem, trazendo à tona a figura ilustre do professor Renato Locchi.

Quem foi Renato Locchi? Professor de Anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, professor da mesma disciplina na Faculdade de Medicina de Sorocaba e da Escola Paulista de Medicina, Locchi deve viver na memória de muitos dos seus alunos, que tanto o admiravam e respeitavam. Mas para aqueles que não o conheceram pessoalmente sua biografia escrita por um fervoroso discípulo da Escola Paulista, L. J.

A. Didio (Gb Koogan), é suficiente para revelar não apenas a competência do anatomista, mas, também, a dignidade que emanava de sua figura, sua compostura, suas palavras e, principalmente, das lições de ética oferecidas aos seus alunos – incentivos ao comportamento respeitoso que deveriam demonstrar ante o objeto de estudo pertinente às suas aulas práticas – o cadáver.

O que acima foi dito seria suficiente para a inserção do nome de Renato Locchi nesta crônica especial sobre a semana dos médicos, mais especificamente no dia 18 de outubro, dia de São Lucas, protetor da classe. Mas há algo mais, algo que ao tema já apresentei no início desta crônica: a questão do sofrimento do outro e do modo como o médico deve encará-lo.

Pode parecer estranha a inserção de um anatomista quando o assunto tratado é justamente o sofrimento. Mas é que, sob o poderio moral do Dr. Locchi, o momento da dissecação do cadáver transformava-se em algo que se colocava bem acima de um mero exercício instrutivo, por meio do qual os vivos, apossando-se dos mortos, fariam destes meros instrumentos de pesquisa, úteis ao seu bem estar e à sua sobrevivência. Este bem acima a que nos referimos, o plano ético, haveria de ser obtido pelo despertar das predisposições afetivas, socialmente positivas, existentes em cada ser humano.

Mas o que nos tem a oferecer, de mais concreto, os chamados decálogos locchianos, tão bem explicitados por Didio às páginas 87, 88 e 89 da citada biografia?



Antes de mais nada, devemos esclarecer que o cadáver utilizado para tal estudo era de indigente. Fato este social e eticamente relevante. Relevante por quê? É que a indigência aponta para uma diferença existencial entre o estudante e o estudado que vai além de uma mera oposição entre a vida e a morte. O estudante, neste caso, representa a vida propriamente vivida – vivida de forma intelectual e volitiva; o objeto a ser estudado, o cadáver, na qualidade de indigente, representa aquele que teve a morte já em “vida”, por não haver sido esta humanamente vivida. O cadáver do indigente, conforme expressava mais diretamente o Prof. Locchi, fosse ele o de um homem, de uma mulher ou de uma criança era “o cadáver de um marginal da vida, da família, da sociedade”. Aí estava a real identidade deste objeto de estudo!

Mas o anatomista vai mais longe ao estabelecer, de forma mais evidente, o elo entre o indivíduo e a sociedade ponderando que, “tal como o

doente indigente”, o cadáver indigente não deve ser visto como “fato isolado da comunidade, mas seu reflexo dela provindo...”. E, em um lampejo de sensibilidade ética, vê e faz seu discípulo ver, no corpo inerte, as marcas do sofrimento em vida, ao afirmar que “os despojos miseráveis” do cadáver, “no abandono da morte, parecem ainda sofrer e pedir piedade...”. Para romper de vez com uma postura meramente utilitarista, no tocante à dissecação, afirma que “o cadáver dissecado, desmembrado, simboliza outra forma de crucificação para o bem e marca o sentido profundamente humano da medicina.”.

Esperamos que muitos outros Renatos Locchis surjam de nossas Faculdades de Medicina relativizando, no mínimo, a sentença do senhor versado em artes plásticas. Mas, como em todas as profissões existem os mais e os menos dedicados, nossos cumprimentos à maioria dos médicos.





Artigo

Tríade da evolução da cirurgia

Wilson Daher

Cadeira nº 09

Vou abdicar um pouco de meus temas habituais e tentar percorrer nos meandros da memória, as lembranças do tempo em que fui professor de História da Medicina, na Famerp. A primeira coisa de que me lembro é que eu deveria ser um professor muito ruim, porque ninguém ou quase ninguém se interessava pela matéria. Contudo, mantive sempre interesse pessoal para continuar cultivando os personagens, que chamo de pilares da medicina atual, porque mesmo que de forma rudimentar ou de um pretense acaso, eles permitiram que a medicina saísse das trevas do obscurantismo científico para uma evolução científica até os dias atuais, em que se mesclam ciência e tecnologia em profusão.

Jovens médicos, hoje, encarando com a maior naturalidade a dádiva de uma Ressonância Magnética, Tomografia Computadorizada, Ultrassonografia, Terapia Celular, etc., jamais se preocuparão com o que sabemos da aurora científica até os tempos atuais. De passagem, quero lembrar Hipócrates, que viveu há mais ou menos 600 anos a.C., apenas para saber que este grego retirou dos templos a missão de conhecer as doenças dentro de um empírico raciocínio clínico.

Acho importante compartilhar uma lembrança pessoal, que remonta a 1948, em dia chuvoso de uma véspera de Natal, em que fui acometido de uma crise dolorosa de apendicite aguda. Eu morava na minha pequena Macaubal, desprovida de recursos e longe de São José do Rio Preto, por estradas de terra enlameadas, passando no meio de pequenas cidades até chegarmos ao

nosso destino, um tormento doloroso, ligeiramente aliviado por algum opiáceo que o médico de nosso então vilarejo, aplicara preventivamente. Fui operado na extinta Casa de Saúde São João, do Dr. Lotf João Bassit, que existia onde hoje se ergue um grande edifício que leva seu nome, defronte à tradicional pizzaria San Remo. Esta evocação tem um sentido: a anestesia a que fui submetido ainda era feita por colocação de máscara, obrigando o paciente à aspiração de anestésicos gasosos, éter ou clorofórmio, que foram os precursores da moderna e muito mais segura anestesia atual.

A dor era, até 1846, a grande vilã dos suplícios provocados pela cirurgia. Amputações, hérnias, extirpações de tumores, eram efetuadas em meio aos gritos dos pacientes ecoando pelos corredores de hospitais ainda insalubres, com seu odor pútrido de pus e sangue mal lavados.

Sabemos que em 1815, Dr. Crawford Long, na Geórgia, observando as orgias de aspiração de éter pela juventude de então, percebeu a insensibilidade provocada pela mesma e pensando na possibilidade de que isso pudesse ser testado na área médica, foi considerado como precursor da cirurgia sem dor. Mas morreu prematuramente, sem que tivesse, em seguida, alguém que lhe desse continuidade, pelo menos até 1846, quando dois obscuros dentistas de uma pequena cidade americana, observaram o poder anestésico do Protóxido de Azoto, conhecido popularmente como gás hilariante, pelas estripulias causadas em espetáculos de pequenos circos mambembes. Horace Wells



fez a descoberta visionária e Green Morton aperfeiçoou a aplicação em 1846, quando o mais famoso cirurgião de Boston, John Collins Warren, extirpando um volumoso tumor, teria dito que ali morria a velha cirurgia cruel, na maioria das vezes, ineficaz.

Como foi dito antes, supostos acasos interferem em nossas vidas, mudando o rumo das coisas. A Teoria do Caos fala em imprevisibilidade e demonstra que quando muda o evento inicial, mudam os resultados finais, como aconteceu com as orgias do éter propiciando, pela mudança do objetivo orgíaco inicial, resultados reorganizadores de seu uso final. O exemplo mais claro, para os dias de hoje, é a mudança do paradigma da “maldita” maconha que agora nos proporciona canabinóides para vários tipos de enfermidades.

Mas apenas o vencimento da dor em cirurgia, não era suficiente para garantir o êxito de minha apendicectomia. Em idos tempos, eu teria sido operado com éter ou clorofórmio, mas não teria garantida a minha cura, se já não se pensasse em outro terrível fator triádico: a **infecção** que poderia chegar à septicemia, com evidentes riscos de morte, mesmo após uma cirurgia bem sucedida.

Volto à lembrança de minha apendicectomia e me vejo deitado ainda sobre a mesa cirúrgica, sob o efeito da anestesia gasosa. E penso: e se ainda não houvesse ligaduras de vasos sangrantes, como os de nylon e catgut? E seu precisasse de transfusão e ainda nada se soubesse sobre o fator RH? E se me ligassem à artéria de um animal para a transfusão, como se tentou em épocas remotas?

Quando surgiu a anestesia em 1846, ela foi saudada, com razão, como se estivéssemos revivendo a primeira anestesia universal, em pleno paraíso, quando a Bíblia ensina que Deus adormeceu profundamente a Adão, para retirar dele uma costela e criar a mulher (atenção feministas: a fala não é minha). Mas esta descoberta, ainda era muito pouco para o sucesso do meu pós-ope-

ratório, pois dois terríveis perigos colocavam em risco o sucesso de minha cirurgia: a **hemorragia**, que foi superada ainda durante a operação com ligaduras e, provavelmente, cauterização.

Mas o terceiro elemento da tríade ainda me colocava em risco: a **infecção** que poderia chegar até septicemia. Felizmente, isto não aconteceu por três motivos: a desinfecção das mãos e uso de luvas por toda a equipe (o que não se fazia antes de 1847); a desinfecção das mãos que começou a duras penas com o húngaro Semmelweis, salvando centenas de parturientes que antes já eram previamente condenadas à morte por infecção generalizada, aliada à antissepsia da sala cirúrgica, sem o odor pútrido dos tempos passados, iniciada por Joseph Lister em 1847 – o enxaguante oral, Listerine, vem de seu nome – e a descoberta (também por um acaso) de que o mofo continha o *Penicillium*, um fungo que mata bactérias. Assim nasceu o primeiro antibiótico, a Penicilina, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, desde que Alexander Fleming, em 1929, descrevera as propriedades do fungo. Era um antibiótico poderoso. Era, porque o uso indiscriminado do mesmo, como se repetiu com seus sucessores, permitiu às bactérias, que criassem mecanismos de resistência, chegando ao que chegamos: à poderosa superbactéria.

Desta forma, graças a estes heróis hoje desconhecidos por quase toda classe médica, voltei são e salvo para minha pequena cidade. Claro que deveria me estender aqui, à descoberta das vacinas e outras tantas que propulsionaram esta avalanche de conhecimentos para uma prática mais saudável da medicina atual. O espaço não me permite, mas aproveito o que me resta para saudar mais uma vez àqueles que não desistiram, que não se deixaram ofuscar por verdades pré-estabelecidas, dogmas que durante séculos deixaram a medicina mergulhada nas trevas da vaidade pessoal e da ignorância.





Crônica

Velhos jornalistas

Lelé Arantes

Cadeira nº 08

De repente perdi a vontade de escrever. Na verdade, não foi nada repentino. Foi algo chegando devagar, como uma chuva amazônica que aparece ao longe, uma enorme cortina esbranquiçada que vem se movendo de forma paulatina, com formação militar, cerrada e contínua, sempre avançando, até nos molhar por inteiro como uma surpresa há muito aguardada. Essa perda de vontade me acompanha desde sempre, desde o início, quando botei os olhos pela primeira vez em uma oficina de jornal. Aquela parafênalia de linotipos, bancada de páginas, cavaletes de tipos, o barulho da impressora, o cheiro de chumbo misturado com o das tintas, o tique-taque das teclas dos linotipistas, o corre-corre dos paginadores, o revisor sendo solicitado aos gritos para apressar o material revisado, os originais manchados de graxa, o papel recém-saído do prelo enegrecido de tantas tintas anteriores, o dead line vencendo... tudo aquilo me tocou de chofre, assaltou as narinas, acertou em cheio o cérebro e fez minha alma saltar para outra realidade que não mais o ambiente panificador onde a masseira bate a farinha, os ovos, a água, o fermento, o sal, o açúcar, o cilindro engolindo a massa bruta, tirando seu ar, abrindo-a, sovando-a, tornando-a macia, cilindrada, roliça, delicada feito pele de pêssego, pronta para o pulso forte do padeiro que a corta em forma de fita, pedaço a pedaço, passando na enroladeira para modelar os pães, uniformes e prontos, para o tabuleiro onde crescerão para serem forneados e assados. Pães e jornais. Ambos cilindrados como devem

ser os alimentos. O do corpo e o da alma. Pão, poesia, jornal, livros.

Agora os tempos são outros. Há algo de profilático nas oficinas, asséptico. Cartões de pontos roubaram o frescor das notícias, repórteres não mais perambulam sorrateiros pelas ruas na tentativa de surpreender os fatos, editores proibem-se de vociferar palavões e distribuir broncas transido pela espada de Dâmocles dos assédios. A assepsia ambiental domina as manchetes de palavras escolhidas a dedo, à luz amarelada dos códigos processuais e dos dicionários de costumes. Ai de ti, titularador! Ai de vós, editorialistas. Há de cuidar da alma para não perder o cérebro. Basta uma leve suspeita para que todo o tempo se torne plúmbeo. Zweig nos alerta: não há nada mais sombrio do que uma pálida suspeita. Ou, um passo a mais, o caminho é a barra dos tribunais. Ah... sim, sim! Eram aqueles os tempos do jornalismo romântico, dirá algum leitor apressado. Não era. Já estávamos no finalzinho do crepúsculo desse romantismo falseado, quando os jornalistas eram boêmios, admirados ou detestados. Pessoas temiam jornalistas. Havia aqueles que usavam da extorsão para obter uns caraminguás por fora, outros levavam os galanteios às páginas por favores nada publicáveis e havia os que, imbuídos do ardor profissional, trabalhavam em regime de semiescravidão. Muita coisa mudou. Para melhor, dirão os otimistas. Segurança trabalhista, carteiras assinadas, horários rígidos para evitar horas extras, banco de horas, folgas remuneradas, férias alongadas. Um balanço de



vida e percebe-se que os velhos tempos morreram como deve morrer tudo o que é velho. Dia desse, um domingo à tarde, vi W. na praça, defronte um bar, assando espetinhos e tomando cerveja barata. W. fora um grande jornalista. Mestre na arte de levantar uma notícia. Repórter nato. Sem diploma, sem faculdade, sem firulas com fontes. Se havia notícia entrava na edição, caso contrário era cesto de lixo. Adepto da descomplicação, detestava adjetivação e perseguia a simplicidade: nada de complicar. Quem quisesse palavras bonitas devia ler ou escrever livros, romances, poesias. Jornalismo precisa de clareza, concisão, tudo enxuto. Se precisasse repetir uma palavra duas, três vezes, que fosse repetida, mas com precisão. Entrevistado não “conta”. Ele informa e afirma. O resto é enfeite ou falta de vocabulário. Odiava quando o repórter usava “fulano contou que”... W. perdeu o cargo de editor por exigir simplicidade demais. Estávamos em outro tempo e ele não soube acompanhar. Ou não quis. Agora, W. segue as sendas dos pobres. Dera voz e poder para muitos anões de jardim por acreditar em fadas e duendes. Não era um morador de rua, um desvalido qualquer; tinha aposentadoria com valores bem inferiores aos pisos da categoria. Dissídio coletivo. Palavras sindicais definindo que ninguém pode ganhar menos que o piso. Até se aposentar. Jornalista ou jornalista. Aquelas nuances condescendentes e imperiosas tais quais editor-chefe, redator, secretário de redação, articulista ganham novos sentidos quando se está na rua, desempregado e sem solução e, então, ele pensa que poderia ter sido um bom garçom, um inteligente corretor de imóveis, um laborioso vendedor de seguros ou um vigoroso e atlético lixeiro correndo atrás dos caminhões fedorentos carregados dos lixos que produzimos às toneladas todos os dias. W. tem essa percepção. Quando jovem sonhava ser narrador de corridas de cavalo. F. é outro colega que foi poderoso nos progra-

mas radiofônicos. Tinha o espírito verbal de Jazadji reforçado pela acurácia teatral de Gil Gomes e suas falas demoliam reputações, destruíam currículos e sepultavam personalidades. Acumulador de desafetos em nome da verdade, diziam que ele “tinha baba de cachorro louco com veneno de cascavel” e que de sua boca destilavam fel e maldades. Porém, F. sabia que aquele era um papel a desempenhar. Um Hamlet moderno, poderoso, cuja voz viajava nas ondas e alcançavam o infinito. A morte rondava diuturnamente seus passos, tamanha a capacidade de arregimentação diária de inimigos. Seu nome fazia as paredes tremerem e os poderosos emudecerem. Um dia o patrão cansou. O bilhete azul o colocou na vala comum dos pobres mortais e ninguém lhe abriu as portas. Os patrões se conhecem e tomam Glenfiddich no cu da noite. F. não sabia disso. Desagradou um, atingiu a todos. A alicantina patronal esconde-se embaixo das mesas de veludo verde. F. definiu no auge dos cinquenta. W. quebrantou no ápice dos 60. Outros estão depauperando aos quarenta. A máquina exige sangue novo, cada vez mais novo, e vomita velhos alquebrados, desiludidos de cabelos alvacentos, longe de embranquecerem. F. é um leproso sem feridas. Os colegas antigos, que antes tinham por ele inveja com glândula de admiração, fogem ao vê-lo. É um pedinte choroso e muito bem-informado, mas ninguém o quer por perto. Perdeu aquele porte esbelto, aqueles paletós de cortes exclusivos, os sapatos de cromo alemão e os relógios e canetas e abotoaduras de marca combinando cores entre si. Não há mais sobrado, nem carro do ano. A humildade entrou por uma porta e a vaidade saiu pelas janelas. Não gosto de ver F. assim. Mas como fazer para ajudá-lo se, como diz P., um colega que soube cair de pé, “ele não quer mais ser ajudado, acostumou-se a pedir, a se vitimizar e a suplicar”. Cá entre nós, ninguém se acostuma com as baixezas que a vida nos reserva. Ape-





nas vai aceitando como você aceita a vinda da noite e o amanhecer do dia. Como parar o sol? W. e F. foram poderosos. O poder cega, ao ponto de não perceber que o poder não era deles e sim dos donos dos jornais e das rádios que pagavam seus salários. Falácias vicejam em torno do jornalismo e dos jornalistas, como a tal liberdade de imprensa. Essa liberdade só existe para os donos. Os jornalistas são apenas operários das palavras. Todos sabemos, mas esquecemos quando o poder nos aquece com seu abraço morno aquecido pelos vapores da vaidade, do orgulho e da prepotência. A diferença entre a arte de reportar e a de fazer pães é que o padeiro sabe que basta uma lufada

diferente de vento para a massa ficar cascuda e atrapalhar a fermentação, que uma pitada a mais de sal tonará a casca eriçada e feia, uma colherinha a mais de açúcar fará o pão assar mais rápido, ficar cru por dentro e murchar, que um forno muito quente queimará sua fornada. Paciência e humildade são os princípios básicos para produzir pães e eu, velho jornalista, perdi essas virtudes quando troquei a oficina de pães por uma de papel e tinta. E eu sempre soube que isso aconteceria e deixei acontecer, assim como a noite e o dia chegam e vão eu fui aceitando. E quer saber, não me arrependo. Acho que W. e F. também não se arrependeram. Vivemos o que tinha que ser vivido porque essa é a essência da vida.

Pesquisa: O que você está lendo?

Araguaí Garcia: *Como os artistas veem o mundo*, de Will Gompertz.

Cleber Falquete Junio: *Folhas de relva*, de Walt Whitman; *Machões não dançam*, de Norman Mailer; *Arquipélago Gulag*, de Alexander Soljenitsin; *Charlotte Maria, filha de lobos*, de Loreni Fernandes Gutierrez.

Patrícia Reis Buzzini: *A única mulher*, de Marie Benedict.

Wilson Daher: *No sertão dos Ignácios*, de Jocelino Soares; *A natureza mordida*, de Carla Madeira.

Pérsio Luís Marconi: *História da Filosofia*, Coleção Os Pensadores; *Forbidden American English*, de Richard A. Spears.

Loreni Fernandes Gutierrez: *O Silmarillion*, de J. R. R. Tolkien; *O jardim Secreto*, de Frances Hodgson Burnett.

Isabel Pimenta Hernandez: *Laudato si*, de Papa Francisco.

Angelo Soares Netto: *O que ela sussurra*, de Noemi Jaffe.

José Luiz Balthazar Jacob: *O caminho de Abraão*, de Jamil Chade; *História Natural das Religiões*, de David Hume; *Imposturas intelectuais*, de Alan Sokal e Jean Bricmont; *Os donos do poder*, de Raymundo Faoro.

Maria Helena Coelho Curti: *O mundo segundo Noronha*, de Durval de Noronha Goyos Jr.

Cecília Demian: *As cidades e as serras*, de Eça de Queiroz.

Alberto Gabriel Bianchi: *Pitágoras e o tema do número*, de Mário Ferreira dos Santos; *Curso de Filosofia*, organização de Antônio Rezende.

Samir Barcha: *Médico de homens e de almas*, de Taylor Caldwell.

Rosalie Gallo y Sanches: *Cartas Consolatórias*, de Sêneca; *The Consolations of Philosophy*, de Alain de Botton; *Rotas de fuga*, de Cleone Ribeiro; *Espectros*, de Wilson Daher.

Hygia Therezinha Calmon Ferreira: *Manuelzão e Miguilim*, de João Guimarães Rosa.





Crônica

Supresas do dia a dia

Alberto Gabriel Bianchi - Vice-presidente
Cadeira nº 44

Durante vários anos morei na roça, perscrutando a natureza. Sentia o calor abrasador do sol e o frescor do orvalho das madrugadas frias. Imaginava os mistérios das profundidades do mar e do céu, eu vivia enamorado pelas noites de lua cheia, pelas belas plantações de girassóis, algodoads, cafezais, flores e frutos do campo e, ainda, dos animais que viviam na natureza.

Os moradores ao redor de nossas casas eram solidários e nos tratavam com muito carinho e amor. Eram muito gentis e essa gentileza gerava muito mais gentilezas.

Admirava e vivia tudo aquilo com muito amor e na esperança de um dia conhecer o mundo e todos os seus encantos e assombros. Com o passar dos tempos, tudo aquilo que sonhei aos poucos foi acontecendo.

Percorri estradas e mais estradas a pé, de carro, trator, carroça, bicicleta, jardineira, caminhão, ônibus, a cavalo, de avião fendendo os ares e navios singrado os mares.

Conheci muitos lugares lindos, enigmáticos e até indescritíveis. Convivi com pessoas maravilhosas de todas as raças, etnias e gêneros. Visitei vários países com costumes e culturas diferentes. Aprendi o prazer da gentileza, o respeito pelo ser humano e com simplicidade, fui muito feliz. Percebi que a disciplina gera organização e a organização gera resultado.

Por todos os caminhos que percorri, vivenciei os sabores e dissabores da vida e por isso tenho muita coisa para contar. Conheci pessoas tristes e também muito alegres esbanjando felicidade.



Coisas fascinantes e até inacreditáveis.

Como foram muitos os seres com os quais convivi resolvi, neste momento, escrever uma pequena passagem que me comoveu por demais.

Sempre mexeram muito comigo todas as histórias de superação e relacionadas à formação, educação de crianças ou jovens, mesmo sabendo que ninguém é perfeito, porém lutam para chegar à suposta perfeição.

No meu mundo profissional convivi com todo tipo de empresários, funcionários públicos ou privados, trabalhadores rurais, empregados ou patrões, não importa, se de grande ou pequeno porte. Visitei inúmeras cidades pelo Brasil, pequenos e grandes municípios, vilas, vilarejos e colônias nas grandes fazendas.

Numa das chamadas pequenas cidades, visitando a Câmara Municipal, não me lembro a data correta, conheci um vereador que depois tornou-se presidente da instituição e meu objeti-





vo em todas as minhas idas a entidades públicas era unicamente profissional. Eu trabalhava numa empresa de economia mista.

Em uma das visitas na “chamada casa do povo”, passou correndo diante de mim uma menina que acredito, deveria ter uns sete anos de idade. Cheia de vida pulou nos braços do pai gritando feliz: “pai me dá um dinheiro para comprar sorvete?”. Típico de toda criança naquela idade. O seu pai deu-lhe com ar de felicidade o suficiente para a compra da guloseima solicitada.

Muitas vezes via aquela criança acompanhada de uma outra menina mais velha e depois soube que era sua irmã, por sinal, uma linda morena.

Um dia perguntei qual era seu nome. Ela respondeu Larissa, Larissa de Kácia, se escreve com “K” e com “y”, viu moço. Era magrinha, falante e uma disposição que só uma criança poderia ter. Nascida no dia 01 de outubro no ano em que se comemoravam os 150 anos da Proclamação da Independência do Brasil, lua cheia, ano bissexto, dia de Santa Teresa de Lisieux, Virgem Carmelita, dia internacional da música, dia do vereador, dia internacional do café, dia internacional do idoso.

Já conhecia uma de suas irmãs, uma vez que era proprietária de um posto de gasolina. Um dia conheci toda sua maravilhosa família: pai, mãe, duas irmãs e dois irmãos.

Depois de algum tempo fui trabalhar em outro setor e fiquei muito tempo sem contato com os pais da Larissa.

Fiquei sabendo que no dia 01 de outubro de 1998 ela iria se casar e, de surpresa, fui ao seu casamento religioso. Depois, em função de inúmeros compromissos e viagens, não pude mais manter contato.

Muitos anos mais tarde, uma de suas irmãs, aquela que a acompanhava quando criança, localizou-me através de redes sociais, para uma consulta jurídica, uma vez que eu já havia me aposentado e atuava como advogado. Perguntei

pela Larissa e sobre sua família. Ela me contou os problemas pelos quais passaram e que foram superados.

Depois fiquei sabendo através de amigos e colegas da cidade que a Larissa teve uma filha pela qual tudo fazia e que se tornara uma senhora lutadora, guerreira e que essa menina tinha tendências a cursar medicina que era exatamente o seu sonho.

Foi-me dito ainda, que a cidade onde moram tem um povo maravilhoso e ordeiro, tem com certeza duas jovens que encantam com suas belezas, com a força e o esforço pelo trabalho, além de uma sabedoria que sabem usar e criar para o bem de toda a sociedade. São sábias e solidárias, uma vez que possuem sentimentos nobres e colaboram para o fortalecimento e a evolução do ser humano.

Certo dia procurou-me, dizendo que sua linda filhinha, hoje mocinha, gostaria de prestar vestibular para o curso de medicina em Rio Preto.

Perguntou-me como eram a faculdade e a cidade. Disse-me também ter feito reserva num dos hotéis e se eu conhecia. Falei para ela que poderia vir fazer vestibular tranquila e que seria muito bem recebida e feliz aqui no caso de ser aprovada. Rio Preto é um dos maiores centros de referência na área médica no Brasil, especialmente na área de cardiologia e que possui hospitais de excelência nas diversas áreas da medicina.

Por fim, desistiu de São José do Rio Preto, indo realizar seu sonho na linda cidade de Assis, onde foi aprovada no vestibular com louvor.

Em função da sua escolha, continuo sem conhecer pessoalmente a linda e jovem Lívia. Um dia, tenho certeza, irei conhecê-la já doutora. Quem sabe ela poderá cuidar da minha saúde quando bem velhinho. Se for igual à mãe tenho certeza, será uma grande e respeitada profissional e com muita competência.

Desejo sucesso para a mãe e filha.



Homenagem

Os 15 anos da ARLEC

Waldner Lui
Cadeira nº 22



Lêdo Ivo em seu poema *Réquiem*, cunhou a seguinte frase: “O mais longo do homem dura menos que um relâmpago”, vaticinando que toda eternidade termina em fumaça, tão rápida é a existência humana diante do tempo do universo. Pois delineado com o mesmo cuidado com que um ourives trabalha uma filigrana, a Arlec (Academia Rio-preten-se de Letras e Cultura) mantém um olho em nossa aldeia e outro no mundo, cumprindo sua função agregadora e divulgadora da cultura, reivindicando visibilidade, sob o seu sóbrio cenho.

Assim, a Arlec torna-se um robusto laurel, um estandarte, uma aguerrida bandeira de luta que se firma com orgulhosa identidade e não uma mera fama de produto artesanal. Nessa guilda nascida há 15 anos, se estruturaram e consoli-

daram modelos de eventos cativantes em busca do adensamento do conhecimento e das ideias com liturgias que refletem a natureza filosófica ou científica da cultura. Cada um dos acadêmicos sente-se investido na condição de mestre de ofício (*Master of Arts*), com atuação forte na realização de eventos saborosos, reverenciando humanidades, ciências, filosofia, artes, literatura, música, com propulsão capaz de expandir e atingir forte atuação além dos limites do município.

Um dos pilares indissociáveis do ideário da comemoração dos 15 anos da Arlec é o reconhecimento que se instalou no cerne da celebração da festa. Não era preciso ser um observador atento para se encantar com o jantar realizado no icônico restaurante Panorâmico do Rio Pre-





to Automóvel Clube, sob a batuta do presidente da Arlec, João Roberto Saes – auxiliado pelo ex-presidente Alberto Gabriel Bianchi e pela presidente de honra da entidade, Rosalie Gallo y Sanches – que se constituiu numa celebração repleta de elegância, oferecendo impactos positivos aos olhos, ao paladar dos convidados, desse primoroso acontecimento. E aos ouvidos através da música melíflua do tecladista Anisinho Garcia.

Foi um reverente *bienvenu* aos 15 anos de uma entidade que tem relação afetiva com a cultura e cujo jantar não nos permite ser parcimonioso ou sonegar adjetivos. Noite de delícias nos flûtes e no cardápio.

Na construção de seu pertencimento legítimo, tem a Arlec a finalidade de elencar a cada

ano, o melhor da literatura, da poesia, das artes plásticas, da música, que não se acomodam com os objetivos alcançados e, vencendo desafios, dão um rigoroso impulso em sua própria trajetória e no desenvolvimento de nossa cidade, com articulação e bom senso, cobrando-lhe o dízimo da responsabilidade de sua existência risonha e límpida.

É universal, parodiando Octavio Paz, o ato de cantar sua aldeia, consagrando a supremacia dos valores locais, trilhando o caminho inverso do regionalismo redutor e oferecendo espelho dos sonhos, eloquente e consagrador. Expressivos nomes de nossa aldeia social, política e cultural lá estiveram conferindo e aplaudindo a irretocável noitada.



Foto: Divulgação



Foto: Divulgação





Lançamento

Noite de autógrafos de Maria Helena Curti

José Balthazar Jacob

Cadeira nº 28



O dia de 25 de outubro de 2023 foi especialmente marcado pela noite de autógrafos da acadêmica da Arlec, Maria Helena Coelho Curti, patrona da Cadeira 10. Na acolhedora casa da outrora propriedade rural de seus pais, hoje cercada de condomínios residenciais e centros comerciais, a aquarelista, internacionalmente reconhecida, autografou centenas de livros, recebendo a todos com sua habitual simpatia e refinada educação.

Maria Helena é pessoa pela qual eu, como tantos que a conhecem, nutro o mais elevado sentimento de carinho e amizade. Generosa, doou toda a renda do evento para o Serviço Social da Redentora, conduzido pelo Pe. Jarbas Brandini Dutra, pároco da Igreja de Nossa Senhora do Sagrado Coração, o qual estava presente.

Ofereceu aos presentes um bufê farto e variado, acompanhado de bebidas diversas, enquan-

to autografava os inúmeros exemplares de um livro pouco comum. *O Mar e Outras Essências*, com poemas de Mena Vilela e aquarelas de Maria Helena Curti é um livro de rara beleza e qualidade. Cada poema, impresso em papel vegetal, tem na folha seguinte uma aquarela referente ao tema. Através da transparência do papel vegetal, os poemas, breves e objetivos, parecem estar impressos sobre as aquarelas. Essa técnica lhes confere suavidade e vida. Nas páginas em que estão impressas as aquarelas podemos admirar a arte de Maria Helena. Não sou da área das Artes, sou acadêmico da área de Letras, mas me impressiona nas suas aquarelas uma característica que entrelaça Artes e Letras: **Visualizar** é uma ação racional na qual nosso cérebro cria imagens e nós as vislumbramos; **visibilizar** é o uso do sentido da visão para vermos as imagens concretamente. Maria Helena superpõe as 2 coisas.





Revista Kapiiuara

Em várias de suas aquarelas, sinto que a imagem vislumbrada foi transmitida para o papel na forma como concebida; parece ser “esquecido” o tempo de transmissão e transição entre a concepção da imagem no cérebro e todo o tempo do

trabalho artístico para torna-la realmente visível. Essas aquarelas tornam-se mais quentes e aguçam a curiosidade em desnudar cada detalhe esmaecido pela técnica da artista. Mais um sucesso para a galeria de Maria Helena.



Foto: Divulgação

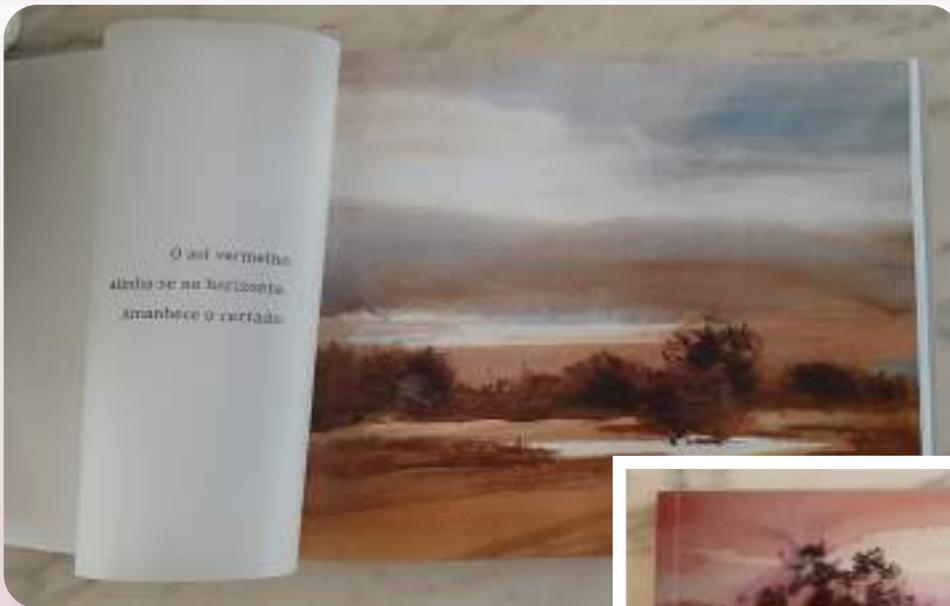


Foto: Divulgação

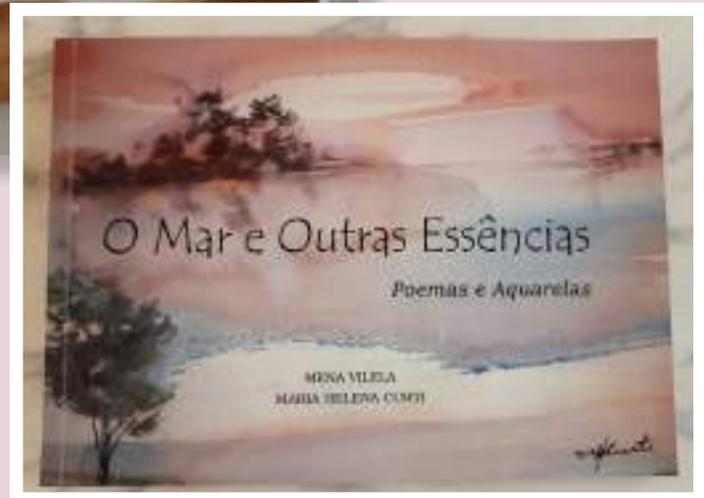


Foto: Divulgação





Lançamento

Alma Serena

Elma Eneida Bassan Mendes
Cadeira nº 11



Foto: Divulgação

Duas figuras gigantes para mim: Dr. Domingo Braile e Dr. Wilson Daher. Quando os via conversando, na sala da casa do Dr. Braile, eu os admirava. Francos, tão inteligentes, espetacularmente reverentes... Dr. Daher no esforço diligente em auxiliar o amigo enfermo, acamado de muitos meses. Dr. Braile interessado em aproveitar da boa companhia, da excelente conversa. Uma simbiose magnífica que só a maturidade confere. Foi assim que me vi mais próxima do Dr. Wilson Daher, por meio do meu eterno amigo Dr. Domingo. O tempo passou e nos vimos juntos novamente aqui, no convívio na Academia Rio-pretense de Letras e Cultura, onde me honraram

com a cadeira do Dr. Domingo Braile. Assim, posso continuar a observar os assuntos inteligentes e as conversas apaixonadas e absolutamente incríveis do Dr. Wilson Daher, como se eu estivesse sentada com ele em uma sala de visitas. Que sorte a minha!

Foi justamente esse convívio que me fez participar do lançamento do seu livro *Espectros*. Um profissional pleno, um homem maduro, um ser humano realizado e introspectivo, um pai amoroso, um marido parceiro e fiel, avô que me pareceu muito querido, afetuoso. Alguém em quem se pode confiar em tempos de tanta insegurança e fluidez. Um conjunto de virtudes conquistadas pe-



las benções da longevidade, mas, principalmente, apuradas por um caráter bom, reto e verdadeiro. Foi isso que eu encontrei naquela manhã ensolarada de primavera rio-pretense, quando o autor de *Espectros*, sorridente e incansável, autografava sua obra para muitos amigos e fãs de seu trabalho.

A nova obra deste escritor, especialista e conhecedor dos desafios da mente, produzida em um tempo de dor, resignação e espera, é prova de sua excepcional capacidade de se refazer, encontrar novos sentidos e se adaptar a um tempo e condições que ele não pode dominar. Assim como a vida de todos nós. Os reverses chegam, a idade se estabelece, as limitações idem. E a sabedoria e o domínio para essas percepções,

ajustes sem enfrentamentos traumáticos ou sofridos dependem sempre daquilo que trazemos na alma. Do exercício singelo e generoso de querer ser feliz e fazer aos outros felizes.

Meu querido Dr Wilson Daher semeou o melhor e agora amalha farta colheita. O cuidado digno e amoroso que ofereceu a sua amada esposa durante todo o tempo de sua despedida, não sem dor nem solidão, apurou seu coração para muitos outros anos de paz e bem. É o que eu, experiência tão semelhantemente vivida, lhe desejo imensamente.

Encerro com uma poesia que define o que penso sobre nós, amigo Daher, para hoje e o porvir. Deus o abençoe para sempre.



Alma Serena

Alma serena, a consciência pura,
assim eu quero a vida que me resta.
Saudade não é dor nem amargura,
dilui-se ao longe a derradeira festa.

Não me tentam as rotas da aventura,
agora sei que a minha estrada é esta:
difícil de subir, áspera e dura,
mas branca a urze, de oiro puro a giesta.

Assim meu canto fácil de entender,
como chuva a cair, planta a nascer,
como raiz na terra, água corrente.

Tão fácil o difícil verso obscuro!
Eu não canto, porém, atrás dum muro,
eu canto ao sol e para toda a gente.

Fernanda de Castro,
in *Ronda das Horas Lentas*



Premiação

Angelo Soares Neto no Premio Mondiale di Poesia Nosside

Angelo Soares
Cadeira nº 23

Em 2023 o Prêmio Nósside, como é mundialmente conhecido, completou a sua 38ª edição. Criado e capitaneado até hoje pelo Prof. Pasquale Amato, que se cerca de incontáveis voluntários, tem bem claros seus objetivos: mostrar ao mundo, com a chancela da UNESCO, do que é capaz um professor docente de História Contemporânea, sonhador e visionário, com inabaláveis pés fincados no chão qual gigante de Rodes.

Desde 1983, quando o prêmio começou tímido, interessado em documentar dialetos e expressões poéticas calabresas, sem quaisquer subsídios oficiais, o Prêmio se mantém íntegro e tem chegado a confins inimagináveis, resgatando e documentando expressões muitas vezes jamais ouvidas. Basta se ver que, neste ano de 2023, o Prêmio registrou participantes de 106 nações de todos os continentes que se expressaram em quase 160 línguas, idiomas e dialetos. Estes textos chegam em suas expressões originais acompanhados de uma das línguas oficiais (italiano, português, espanhol, francês e inglês).

Desde 2007 a Profa. Dra. e Acadêmica Rosalie Gallo y Sanches tem se dedicado à divulgação do Prêmio no Brasil e com grande satisfação declara que o Brasil, excluindo a Itália, seu berço de fundação, é o país que detém há muitos anos o segundo posto em quantidade de premiados, ultrapassando Cuba que, até então ocupava este lugar.

O Prêmio consiste em premiar um único Vencedor Absoluto, mas o Presidente Fundador insiste em chamar a todos de "premiados", ainda



Foto: Divulgação

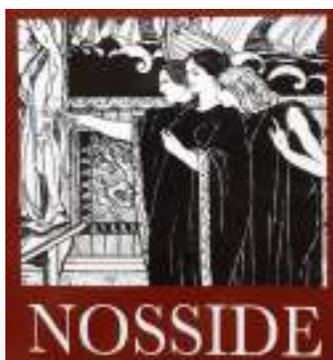
que recebam o título de Mencionados. Não há classificação em cada categoria de Menção obtida; os "premiados" aparecem em uma lista por ordem alfabética de sobrenome. Os textos, identificados apenas por números, passam por dois Júris: um nacional e um internacional.

Constantemente há muitos brasileiros na lista final do Nósside. Já tivemos uma Vencedora Absoluta e vários finalistas, entre as quais a também Acadêmica Vera Márcia Paráboli Milanese.





Entre os 10 brasileiros premiados desta edição de 2023 encontra-se o Arlequino Angelo Soares Neto. Não é a primeira vez que Angelo recebe uma Menção Particular no NÓSSIDE. Já foi mencionado em outras edições, o que traz à entidade muito orgulho. Leiam, pois, o poema premiado:



O amanhecer e a cotovia

O mundo se consome entre céus absolutos
e verdades sem juízo, tempo indefinido
em contramarcha descolorida.
Emoções passageiras, crenças desacreditadas
bordando franjas em mar profundo
onde um frio desconcertante
mareja os olhos com arabescos imprecisos.
Entre nuvens falsas, fumaça de motores poluídos,
voa um som de veludo aflito.
Asas sem jeito, frágeis de espanto
entre o temor de uma noite perpétua
e uma garganta sem dia,
o pequeno pássaro canta, embora o frio,
de janela em janela desalojando infortúnios.
Frágil, irrequieta, insegura, cumpre seu voo
ligeiro, escrito em espirais lisérgicas,
entre varandas estreitas e beirais indecisos.
(Noites descrentes quase não respiram,
o silêncio cava vazios enquanto tece esperas).
Insiste, é seu destino. Insiste.
Anjo desalojado tentando resgatar no canto
a música da vida, enquanto as promessas
amanhecem lentas como o dia. O mundo acorda,
nuvens se despedem de olhos inocentes,
enxugam breves lágrimas, boias de sonhos esquecidos,
e em infantil ousadia a deixam entrar,
esperança que acena para o dia,
janela que chama, ouve, acredita,
como se houvesse um sol ainda a ser vivido.

Poema premiado com a "*Menzione particolare*"
no XXXVIII Concurso Mundial de Poesia NÓSSIDE – 2023,
Reggio Calabria, Itália.

Ponto Final

CONSELHO EDITORIAL

Fecha-se mais uma edição de nossa revista.

Convidados para Prosa, Poesia e Arte preenchem em grande estilo as primeiras páginas, reservadas a não acadêmicos. Tocantes homenagens aos patronos Jayme Signorini e Zêqui Elias, escritas pelos Acadêmicos ocupantes de suas cadeiras, respectivamente Angelo Soares Neto e Cleber Junio Falquete continuam a iniciada estrada da edição anterior. Lançamentos, premiações, artigos, crônicas, ensaios e poemas recheiam a Kapiiuara 12 e demonstram o quanto a entidade tem se consolidado no âmbito cultural rio-pre-tense.

Antes de encerrarmos, entretanto, esta revista, é preciso que ressaltemos as duas ações solidárias em que a Arlec mostrou seu ânimo de boa vontade e de solidariedade em benefício de nosso par acadêmico, a artista plástica Norma Vilar que, vitimada por um incêndio em sua galeria, tem mostrado a força de uma leoa e a delicadeza de uma fênix, tão própria de si.

A Acadêmica Maria Helena Curti intermediou o espaço do Praça Shopping onde a Arlec reali-

zou uma manhã de venda de livros de autoria, com presença marcante de acadêmicos a autografar suas obras. Meses depois, a convite, a Arlec realizou uma roda de bate-papo no Riopreto Shopping Center, com acadêmicos que expuseram suas experiências com base na provocação do mediador Acadêmico Lelé Arantes ao perguntar "Por que você lê e por que você escreve?" aos componentes Cleber Junio Falquete, José Luís Balthazar Jacob, Rosalie Gallo y Sanches e Wilson Daher. Presentes, como na primeira ação, outros acadêmicos comprometidos com a divulgação da cultura e com a ação beneficente que tanto motivou a ambas.

Ponto final, para o Conselho Editorial desta revista, não serve para indicar um fim. Para nós todos, Arlequinos, ponto final é apenas uma pausa maior. Neste caso, de seis meses, porque então estaremos de volta com mais produções.

Então, que nosso ponto final seja o sinônimo de um até breve!

Conselho Editorial